

ALIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • NOVENBRO DE 1991



A LIAHONA

NOVEMBRO DE 1991



Na capa:

Angele Armand Sturgess, uma das muitas haitianas que cumpriram missão em seu país natal, é membro do Ramo Petionville, em Port-au-Prince, capital do país. (Vide "Santos do Haiti Depositam Sua Esperança no Evangelho", p. 10.)
Fotografia por Jed VanDenBerghe

Na Capa da Seção Infantil:
Fotografia de Marty Mayo.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "DE VÓS SE REQUER QUE PERDOEIS" PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY	2
SANTOS DO HAITI DEPOSITAM SUA ESPERANÇA NO EVANGELHO ELIZABETH E JED VANDENBERGHE	10
AS BEATITUDES: O CAMINHO ATÉ O SALVADOR S. MICHAEL WILCOX	25
A EXPRESSÃO DE NOSSA FÉ: ARTE DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS RICHARD G. OMAN	36
SAINDO DA SOMBRA DA MORTE...AMOR LOIS OWEN TUCKER	44

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

UMA BÊNÇÃO PARA ROSIE MARY LOU HARWARD	8
PERGUNTAS E RESPOSTAS: COMO POSSO CONTROLAR MEU MAU GÊNIO?	20
MARAVILHOSO! MARAVILHOSO! MARAVILHOSO! DONNA SHIN	32

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS	1
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: UMA VIDA CENTRALIZADA NO SALVADOR	24

SEÇÃO INFANTIL

O MELHOR TESOURO DO MUNDO JULIE LAMBERT	2
ESCREVER CARTAS PODE SER DIVERTIDO!	4
DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER GENE R. COOK	6
TEMPO DE COMPARTILHAR: A CORAGEM DE ESCOLHER O QUE É CERTO LAUREL ROHLFING	8
MELISSA E O LIVRO DE MÓRMON VICKI BLUM	10
SÓ PARA DIVERTIR	13
JOHN TAYLOR KELLENE RICKS	14

NOVEMBRO de 1991, Vol. 15, nº 11

91991 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:

Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg, Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker

Controlador: Diana W. Van Staveren

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas

Caixa Postal 26023

São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 3.000,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M51 - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 250,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1991 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonêsio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês.

Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

UMA VIDA FAMILIAR MELHOR

Meus parabéns pela revista *A Liahona* (português).

Os artigos mensais me ajudam a ter uma vida familiar melhor e a aperfeiçoar a qualidade do meu serviço na Igreja.

Espero que a revista continue a ser uma influência positiva na vida de muitas pessoas.

Rosilda Maria de Souza Juventino

Ala São Bernardo Três

Estaca São Bernardo Brasil

FORTELECE O TESTEMUNHO

Gosto de ler *Der Stern* (alemão). Ajuda a fortalecer meu testemunho e espero ansioso cada nova edição. Gosto, em particular, de ler as mensagens da Primeira Presidência e ficar a par dos esforços missionários na pregação do evangelho.

Gostaria de ler mais artigos sobre o sacerdócio e também sobre a obra missionária.

Karl-Werner Bartosch

Ala Nuremberg

Estaca Munique Alemanha

PROMOVE A FÉ

Não tenho palavras para agradecer pelas histórias oportunas, relevantes e promovedoras de fé, contidas na revista da Igreja, *Tambuli*, que recebemos aqui nas Filipinas. Os artigos ajudam a melhorar meu relacionamento com minha família, vizinhos, e, principalmente, com o Pai Celestial.

Cada vez que leio a revista, meu fardo se torna mais leve, minha fé é fortalecida e aumenta a certeza de que, apesar de minhas fraquezas, Deus realmente ouve minhas orações.

Meu filhinho de dois anos de idade já se mostra interessado pela seção infantil,

e quase posso sentir sua animação ao lermos juntos os artigos para crianças. A leitura da revista tem ajudado a unir nossa família e a fortalecê-la contra as pressões do mundo.

Leanell M. Sumagbao

Ala San Pedro

Estaca Las Pinas

Filipinas

ESPERADA COM ANSIEDADE

Eu gostaria que vocês soubessem que bênção tem sido *L'Etoile* (francês) para mim. Venho lendo a revista há dois anos, e a cada mês meu coração, espírito e fé são tocados pelos artigos que ela contém. *L'Etoile* me faz entender melhor o quanto o Senhor nos ama e ajuda.

Na minha pequena ala, em Tontouta, a distribuição da revista é esperada com ansiedade e satisfação. No domingo seguinte ao do recebimento, os membros da ala comentam os artigos que leram. Todos comentam como um artigo em particular tocou-lhe o coração e ajudou seu testemunho.

Milhões de famílias de santos dos últimos dias se unem por intermédio das páginas da revista, ao saberem como vivem os membros de outras partes do mundo. Suas experiências e sua fé nos ajudam a compreender como cada um de nós, a nosso modo, pode ser de ajuda para o próximo.

Por exemplo, incentivados por nossos líderes a participar de empreendimentos comunitários de mérito, alguns de nós ajudam, trabalhando nas escolas frequentadas por nossos filhos. Sabemos que podemos ser bem sucedidos em nossos esforços, se colocarmos Deus em primeiro lugar em nossa vida, e se formos dignos da companhia do Espírito.

Yvanna Le Pironnee

Tontouta

Nova Caledonia



“De Vós Se Requer Que Perdoeis”

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Um espírito de perdão e uma atitude de amor e compaixão para com aqueles que achamos que nos fizeram mal... é a própria essência do Evangelho de Jesus Cristo. Todos nós temos necessidade deste espírito. O mundo todo tem necessidade dele. O Salvador o ensinou e exemplificou como nenhuma outra pessoa jamais o fez.

Na hora da agonia na cruz, o Salvador exclamou: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34).

Na hora da agonia na cruz do Calvário, tendo à sua frente acusadores vis e odiosos, aqueles que o tinham levado à terrível crucificação, ele pediu: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” (Lucas 23:34.)

A nenhum de nós é pedido que perdoe tão generosamente, mas todos temos a obrigação divina de perdoar e usar de misericórdia. O Senhor, por meio de revelação, declarou: “Os meus discípulos, nos dias antigos, procuraram pretextos uns contra os outros, e em seus corações não se perdoaram; e por esse mal foram afligidos e dolorosamente castigados.

Portanto, digo-vos, que deveis perdoar-vos uns aos outros; pois aquele que

**Se houver alguém que
guarde no coração o
veneno da inimizade,**

**rogo a essa pessoa que
peça ao Senhor forças
para perdoar.**

não perdoa a seu irmão as suas ofensas, está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior.

Eu, o Senhor, perdôo a quem quero perdoar, mas de vós se requer que perdoeis a todos os homens.

E vós devíeis dizer em vossos corações — que julgue Deus entre mim e ti, e te recompense de acordo com as tuas obras” (D&C 64:8-11).

Como temos necessidade de aplicar este princípio divino, bem como aquele que o acompanha, o arrependimento! Vemos necessidade dele nos lares em que as pessoas transformam pequeninos montes de desentendimento em verdadeiras montanhas de discussão; entre vizinhos que convertem pequenas diferenças em rancores eternos; entre colegas de trabalho, que discutem e recusam-se a fazer concessões e a perdoar. Na maioria dos casos, se houvesse um pouco de boa vontade para uma conversa calma, o assunto poderia ser resolvido a contento de todos. Ao invés disso, passam o tempo nutrindo rancores e planejando retaliações.

No primeiro ano da organização da Igreja, quando o Profeta Joseph Smith foi preso repetidamente e julgado com base em acusações falsas daqueles que procuravam injuriá-lo, o Senhor lhe disse, numa revelação: “E quem quer que contigo compareça perante a lei, pela lei será amaldiçoado” (D&C 24:17). Tenho visto isso acontecer entre algumas pessoas que, com espírito de vingança, nutrem seus ressentimentos. Mesmo alguns que saíram vencedores, parecem ter pouca paz interior e, embora possam ter obtido lucro, perderam algo mais precioso.

EVITAI O RESSENTIMENTO

Guy de Maupassant, o escritor francês, conta a história de um camponês chamado Hauchecome, que,

num dia de feira, foi à vila. Enquanto caminhava pela praça, viu um pedaço de cordão caído ao solo. Pegou-o e colocou-o no bolso, sendo observado pelo seleiro da vila, com quem tinha anteriormente tido uma disputa.

Mais tarde, no mesmo dia, alguém se queixou do furto de uma bolsa. Hauchecome foi preso, acusado pelo seleiro. Foi levado diante do prefeito, a quem protestou inocência, mostrando o pedaço de cordão que havia apanhado do chão. Ninguém, porém, acreditou nele; limitaram-se a rir dele.

No dia seguinte, a bolsa foi encontrada, e Hauchecome absolvido. Ressentido, porém, por haver passado por aquela vergonha, devido a uma acusação falsa, tornou-se rancoroso e não esqueceu o assunto. Incapaz de perdoar e esquecer, não pensava nem falava em mais nada. Negligenciou sua chácara e, por toda parte onde andava, contava a todos os que encontrava a injustiça da qual fora vítima. Pensava no assunto noite e dia. Obcecado pela mágoa, ficou muito doente e morreu. No delírio que antecedeu sua morte, repetidamente murmurava: “Um pedaço de cordão, um pedaço de cordão.” (*The Works of Guy de Maupassant*, Roslyn, Nova York: Black's Reader Service, pp. 34-38.)

Variando os personagens e as circunstâncias, essa história poderia ser repetida muitas vezes em nossos dias. Como nos é difícil perdoar aqueles que nos injuriaram. Temos todos a propensão de ficar ruminando o mal que nos foi feito. Isto acaba se tornando um cancro corrosivo e destruidor. Será que existe em nossos dias uma virtude mais necessária do que a de perdoar e esquecer? Existem pessoas que acham ser isto um sinal de fraqueza. Será que é? Eu acho que não é necessário força ou inteligência para ficar ruminando erros sofridos, para viver com um espírito de vingança, para desperdiçar nossos talentos no planejamento de retaliações. Não encontramos paz,

quando nutrimos sentimentos de rancor. Não podemos ser felizes, quando vivemos para o dia da vingança.

Paulo fala sobre os “rudimentos fracos e pobres” de nossa vida (vide Gálatas 4:9). Haverá algo mais fraco ou pobre do que a disposição de desperdiçar toda uma vida no círculo vicioso de pensamentos amargos e maquinações contra aqueles que nos possam ter ofendido?

Joseph F. Smith presidiu a Igreja numa época em que os santos dos últimos dias foram tremendamente perseguidos. Ele foi alvo de acusações vis, de críticas quase constantes de editoriais, até mesmo em sua própria comunidade. Foi caricaturizado e ridicularizado. Ouçam sua resposta aos que procuraram diminuí-lo: “Afastem-se deles. Deixem-nos ir. Deixem-nos falar o que quiserem. Deixem-nos contar a sua própria história e escrever o seu próprio destino” (*Doutrina do Evangelho*, cap. 18, p. 309). E, com um generoso espírito de perdão, ele prosseguiu com o grande e positivo trabalho de liderar a Igreja, levando-a a um novo crescimento e realização admiráveis. Por ocasião de sua morte, muitos dos que o haviam ridicularizado, escreveram tributos de louvor a seu respeito.

Não faz muito tempo conversei longamente com um casal, no meu escritório. Havia entre eles grande rancor. Eu sei que houve tempo em que seu amor era profundo e verdadeiro, mas cada um deles tinha desenvolvido o hábito de mencionar as faltas do outro. Sem disposição para perdoar o tipo de erros que todos nós cometemos, e sem vontade de esquecê-los, vivendo acima deles e sendo tolerantes, ficaram achando faltas um no outro, até que o amor que antes possuíam se desvaneceu, virando cinzas e terminando num divórcio sem motivo aparente. Hoje só restam solidão e recriminações. Tenho a certeza de que, se tivesse havido um mínimo de arrependimento e perdão, eles ainda estariam juntos,

gozando de um companheirismo que tanto havia enriquecido seus primeiros anos de casados.

PAZ POR MEIO DO PERDÃO

Se houver alguém que guarde no coração o veneno da inimizade, rogo a essa pessoa que peça ao Senhor que lhe dê forças para perdoar. A expressão desse desejo será a própria substância de vosso arrependimento. Pode não ser fácil e não acontecer rapidamente, mas se o procurardes e o cultivardes sinceramente, ele *virá*. E, mesmo que aqueles a quem perdoardes continuem a perseguir-vos e ameaçar-vos, sabereis que fizestes o possível para efetuar uma reconciliação. Sentireis no coração uma paz que, de outra forma, seria inatingível. Será a paz daquele que disse:

“Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai Celestial vos perdoará a vós;

Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mateus 6:14-15).

O FILHO PRÓDIGO

Não conheço nenhuma história mais bela, em toda a literatura, do que aquela encontrada no décimo-quinto capítulo de Lucas. É a história de um filho arrependido e de um pai compassivo. É a história do filho que desperdiçou sua herança numa vida iníqua, rejeitando os conselhos do pai e ferindo aqueles que o amavam. Depois de haver gasto tudo, viu-se com fome e sem amigos, e “tornando em si” (Lucas 15:17), voltou para o pai que, ao vê-lo à distância, foi “correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou” (Lucas 15:20).

Peço-vos que leiais essa história. Todo o pai deve lê-la,

**"Quando ainda estava
longe, viu-o seu pai, e se
moveu de íntima
compaixão, e, correndo,
lançou-se-lhe ao pescoço
e o beijou" (Lucas 15:20).**

repetidamente. É suficientemente grande para abranger todos os lares e é até suficientemente grande para abarcar toda a humanidade, pois não somos todos filhos pródigos, que precisam arrepender-se e participar do perdão misericordioso do Pai Celeste, e seguir-lhe o exemplo?

Seu Filho Amado, nosso Redentor, estende-nos seu perdão e misericórdia, mas, ao fazê-lo, ele ordena que nos arrependamos. Um espírito de perdão verdadeiro e magnânimo resultará do arrependimento exigido. Disse o Senhor, e eu cito uma revelação ao Profeta Joseph:

"Portanto, ordeno que te arrependas — arrepende-te, para que eu não te fira com a vara da minha boca, e com a minha ira, e com a minha cólera, e os teus sofrimentos sejam dolorosos — quão dolorosos tu não o sabes, nem quão pungentes, sim, e nem quão difíceis de suportar.

Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que arrependendo-se, não precisassem sofrer;

Mas, se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como eu sofri;

Sufrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente...

Aprende de mim e ouve as minhas palavras; anda na mansidão do meu espírito e terás paz em mim" (D&C 19:15-18, 23).

Esse é o mandamento, e essa é a promessa daquele que, em sua grandiosa e exemplar oração, rogou: "Pai... perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (vide Mateus 6:9, 12).

"CUREMOS AS FERIDAS"

Não são lindas as palavras que Abraão Lincoln pronunciou, em meio à tragédia de uma terrível guerra

civil? "Sem malícia para com ninguém, com caridade por todos,... curemos as... feridas" (John Bartlett, *Familiar Quotations*, Boston: Little, Brown & Co., 1968, p. 640).

Irmãos, vamos curar feridas — oh! nas muitas feridas causadas por palavras cortantes, por mágoas teimosamente cultivadas, por planos de vingança contra aqueles que nos possam ter prejudicado. Todos nós temos um pouco deste espírito de vingança dentro de nós. Felizmente, também temos o poder para nos elevar acima dele, se nos revestirmos com "o vínculo da caridade, que é o vínculo da perfeição e da paz" (vide D&C 88:125).

"Errar é humano, mas perdoar é divino" (Alexander Pope, *An Essay on Criticism*, 2:1711). Não podemos encontrar paz, quando continuamos a lembrar a dor das velhas feridas. Somente podemos encontrá-la no arrependimento e no perdão. Esta é a doce paz do Cristo, que disse: "Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus." (Mateus 5:9.) □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Um espírito de perdão e uma atitude de amor e compaixão para aqueles que achamos que nos fizeram mal... é a própria essência do evangelho.

2. Este espírito de perdão, exemplificado pelo Salvador, é necessário em nossos lares, entre vizinhos, colegas de trabalho, e em todos no relacionamento com outras pessoas.

3. Para podermos ser perdoados pelo Senhor, precisamos perdoar o próximo.

4. Curemos as feridas que nos dividem, e recebamos a paz que nos une.



Uma Bênção para Rosie

Mary Lou Harward

Fazia anos que eu não assistia a uma reunião sacramental na clínica de repouso, mas recentemente voltei lá, como membro da presidência da Sociedade de Socorro da estaca, para assistir à uma sessão de conferência de ala.

Durante o prelúdio olhei em volta da sala. Alguns dos pacientes sofriam de enfermidades próprias da idade, outros de anormalidades congênitas, e sempre tiveram uma vida difícil, cheia de problemas. A simples possibilidade de sentar ou ficar presa com uma correia a uma cadeira de rodas já era, para tais pessoas, uma realização.

À minha esquerda estava uma cadeira de rodas familiar, um pouco separada do semicírculo de cadeiras. Em todas as minhas visitas sempre encontrei aquela senhora miudinha. O cabelo grosso e liso emoldurava-lhe a face ossuda. Sua mandíbula estava torta e caída. A língua saía com frequência para fora da boca. Via-se o resto do corpo retorcido, como se as juntas estivessem

tentando curvar-se na direção errada. Amarrada à cadeira de rodas, ela parecia esperar pela reunião com tanta ansiedade quanto todos os outros.

Cantamos e oramos, e enquanto a reunião prosseguia, comecei a observar a mesa do sacramento. Um dos sacerdotes parecia confiante e experiente, enquanto o outro dava a impressão de estar nervoso. Então os diáconos chamaram minha atenção, quando chegaram perto da mesa, receberam as bandejas e começaram a distribuir o sacramento.

Um deles se aproximou da mulher que estava na cadeira de rodas. O braço dela estava torcido em volta do braço da cadeira; o ombro parálítico estava imobilizado. Com a aproximação do diácono, a boca retorcida e sem dentes se abriu. Sem hesitação, ele pegou um pedaço de pão e colocou-o na língua da mulher.

Do outro lado da sala ouviu-se uma voz estridente: "Você viu aquele menino bonzinho dando pão para a Rosie?"

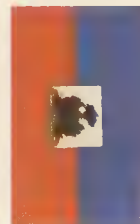
Quando foi pronunciado o *amém* que terminava a oração para abençoar a água, pensei: "Será que devo levantar-me e ajudá-la com o copinho? Como ela se arranjará?" Sentada em minha cadeira, vi o mesmo diácono derramar gentilmente a água na boca sem controle, novamente abençoando Rosie com seus serviços.

Fiquei sentada, envergonhada por não ter feito nada. E então, quando o diácono chegou na minha frente, vi que suas mãos tremiam, e que havia uma interrogação em seus olhos, como se quisesse saber se havia agido certo. Eu só vira sua decisão e compaixão. Sacudi aprovadoramente a cabeça e tentei transmitir-lhe segurança com um sorriso.

Será que ele foi prevenido ou preparado para a ocasião, ou fez tudo espontaneamente? Seja como for, não foi fácil para um menino de doze anos de idade. Fiquei imensamente agradecida pelo jovem servo do sacerdócio que, sem alarde, cumpriu sua designação no quorum. □



SANTOS DO HAITI



DEPOSITAM SUA CONFIANÇA NO EVANGELHO

Elizabeth e Jed VanDenBerghe

Em meio a circunstâncias difíceis, os membros haitianos descobrem uma razão para serem otimistas.

Fritzner Joseph voltou ao Haiti porque, diz ele, “o propósito de minha vida está aqui”. Ele foi batizado em 1979 e é um dos primeiros membros desta pequenina nação situada no Caribe. Dois anos mais tarde cumpriu missão em Porto Rico. Em 1988 formou-se numa universidade de Porto Rico e recebeu oferta de emprego nos Estados Unidos, mas aceitou uma posição no Haiti, como coordenador de área do Sistema Educacional da Igreja.



Fritzner Joseph

A área que ele coordena abrange o Haiti todo — um país que divide a Ilha Hispaniola com a República Dominicana. A maioria de seus habitantes são descendentes de escravos africanos, trazidos por colonizadores franceses. Muitos vivem do que ganham colhendo cana-de-açúcar e bananas no terreno íngreme. *Haiti* é uma palavra nativa usada pelos índios Arawak, que significa “região montanhosa”. A terra tem sido muito desmatada, sobrando pouco espaço para o plantio e sustento de seus seis milhões de habitantes.

Os haitianos enfrentam “grandes desafios”, diz Fritzner. Primeiramente, o Haiti é o país mais pobre do Hemisfério Ocidental. Além disso, suas tendências sociais desestimulam a vida familiar tradicional. E, finalmente, suas velhas superstições entram em conflito com os ensinamentos da Igreja.

Os membros haitianos, porém, possuem o Evangelho de Jesus Cristo. E isto, diz Fritzner, é a “nossa esperança para o futuro”.

A esperança é importante no Haiti. Os membros da Igreja, como Fritzner Joseph, esforçam-se muito, com freqüência sacrificando ambições pessoais, para conservar essa esperança viva nos corações de seus companheiros santos dos últimos dias. E o evangelho restaurado proporciona mudanças reais na vida deles — mudanças que nem mesmo programas vitais de subsistência, a doação de hospitais e escolas por organizações humanitárias, têm conseguido realizar.

Atualmente existem dezoito ramos no Haiti, da





À esquerda: Gerda Sanon descobriu que a Sociedade de Socorro "ajuda as mulheres haitianas a solucionar seus problemas diários. Nossa irmandade é como uma família". Ela serviu como presidente da Sociedade de Socorro.

À direita: Yanick Paulin, na fileira de cima, à direita, é presidente da Primária do Ramo de Delmas e também ensina neste jardim de infância particular, que subsidia e alimenta as crianças que não podem pagar.



espalhada cidade de Port-au-Prince e seus subúrbios, até as pequeninas vilas do interior. O país tem cerca de 3.500 membros, e em janeiro de 1990 o Distrito de Haiti Port-au-Prince foi dividido nos distritos de Port-au-Prince Sul e Port-au-Prince Norte. De aproximadamente 140 missionários servindo no Haiti, 26 são nativos. Os missionários se comunicam bem na língua haitiana-crioula, uma mistura do francês oficializado no país, e africano, espanhol e inglês.

"GENTE POBRE PODE VIVER O EVANGELHO?"

"Embora possa ser difícil para o resto do mundo acreditar", explica Fritzner, "precisamos de toda a 'palavra que sai da boca de Deus' antes mesmo do que de pão. Gente pobre pode viver o evangelho? Sim! Jesus disse a todos, ricos e pobres, que devem pôr o reino de Deus à frente de seus problemas terrenos. Depois, e só depois, sobrevêm as bênçãos."

Os líderes SUD haitianos dão ênfase à diferença existente entre as mudanças efetuadas pelo evangelho e aquelas efetuadas por meio de outros esforços, no sentido de melhorar a vida do povo. "Na Igreja os membros podem *mudar* por meio de Cristo", declara Jean-Claude Demas, presidente do novo Distrito Haiti Port-au-Prince Norte. "Deus nos pede que façamos como os profetas da antigüidade, que geralmente não possuíam recursos óbvios para a realização de suas tarefas. Eles tentaram, mesmo assim, e foram bem sucedidos; e Deus espera o mesmo de nós hoje em dia." Os haitianos recebem treinamento para arranjar emprego por intermédio da Igreja. Os missionários também se esforçam para, junto com o estudo das escrituras, ensinar os analfabetos a ler.

De acordo com Fritzner Joseph, que atualmente serve como segundo conselheiro na Missão Haiti Port-au-Prince, "todo o dinheiro do mundo não muda as coisas. As instituições e os donativos podem ajudar temporariamente, mas não fornecem nada permanente.

O evangelho, no entanto, traz uma mudança duradoura, que toca a alma individualmente."

Membros como Alex Laguerre, 23 anos, presidente do Ramo Port-au-Prince Centrale, atesta a validade de tais mudanças. "Você sabe o que é viver só por viver?" pergunta. "Era assim que eu vivia antes do batismo." Desde que entrou na Igreja, Alex já cumpriu missão no Haiti, seu país natal, dedicando atualmente a maior parte do tempo aos membros de seu ramo: "Minha vida, uma vida de desordem e confusão, mudou para outra, com ordem e propósito. Anseio pela vida familiar, por servir a Igreja e fazer tantas coisas que nunca pensei em fazer antes."

Eddy Bourdeau, 28 anos, presidente do Distrito Sul, foi diretor do programa de bem-estar da Igreja no Haiti. Seu trabalho incluía treinar as pessoas para trabalhar e arranjar-lhes emprego. "Alguns membros se esforçaram bastante, outros não se esforçaram, e outros ainda", diz ele, "nos mostraram realmente o significado da palavra fé, fazendo alegremente tudo o que lhes era pedido. Muitas vezes vinham para a Igreja sorridentes e vestidos com as melhores roupas, mas voltavam para casa, na qual não existia alimento. No entanto, continuavam vindo."

Numa terra onde algumas Igrejas oferecem escola grátis, cuidados hospitalares e outros tipos de ajuda para aqueles que as freqüentam, é preciso ser um tipo especial de pessoa para assistir às reuniões da Igreja SUD. Tal pessoa, dizem os líderes, presta testemunho de que pagou o dízimo, viveu os mandamentos, ou ajudou alguém necessitado, não porque esperasse receber algo em troca, mas por saber que isso é certo. Essa pessoa ajuda os outros a terem esperança.

A FORMAÇÃO DE FAMÍLIAS

A esperança também se reflete nas mudanças feitas pelos membros em sua própria vida, numa sociedade onde famílias "tradicionais" não são típicas. A



À esquerda: Oriol Atus e Angele Armand Sturgess, alunos do Instituto. O irmão Atus é um dos conselheiros na presidência do Distrito Port-au-Prince Norte. A irmã Sturgess é

membro do Ramo Petionville.

À direita: Reynolds e Gislaine Saint-Louis descobrem no evangelho uma perspectiva eterna, e esperam ser selados no templo, com seus filhos.

promiscuidade é um fator comum, e jovens não casadas freqüentemente têm vários filhos para alimentar. Christine Juste, porém, uma jovem de dezessete anos que trabalha na Primária, vê as crianças que ensina como os futuros pioneiros do Haiti. “Se puderem aprender e ver a vida familiar exemplificada na Igreja, elas próprias formarão famílias fortes”, diz ela.

Nanncie Wroy, 24 anos, professora da Sociedade de Socorro, observa: “Eu sou uma exceção à regra. Passei a vida me preparando para ter uma família tradicional.” Ela herdou esse ideal dos pais, ambos católicos devotos, casados há vinte e cinco anos. “No entanto, muitos dos jovens daqui não tiveram essa vantagem”, acrescenta ela.

“Eu não sabia realmente o que era uma família”, diz um rapaz que entrou para a Igreja e atualmente está se preparando para uma missão. “Vivi na promiscuidade desde os treze anos e nunca conheci nada diferente, até que o evangelho entrou em minha vida e mudou tudo.”

Os alicerces que ele e outros estão assentando, para uma vida familiar saudável, são fortalecidos pelo amor, o calor e a humildade que fazem parte do caráter haitiano. As mães haitianas, principalmente, dão aos filhos um belo exemplo de abnegação. Geralmente são as provedoras da família, tanto emocional como economicamente. Jean-Pierre Ernsó, um converso de dezenove anos de idade, da zona rural do Haiti, lembra sua mãe vendendo bananas e óleo desde manhã até o anoitecer. Ela sustentou a família composta de sete filhos, conservou-os unidos e pagou os estudos deles, já que no Haiti as escolas são um empreendimento privado, pago pela família.

Quando famílias como estas entram na Igreja, a união, o propósito e o amor os impelem para a frente. “Tornamo-nos muito unidos desde que entramos na Igreja”, diz Wilhelmina Price-Oliver, falando de sua família, composta de três filhos e uma filha. A oração familiar e a leitura das escrituras “trazem muito amor ao nosso lar”, acrescenta ela. A família compartilha esse

espírito com os outros, às vezes realizando o que chamam de “super noites familiares”, às quais a vizinhança toda comparece para participar de um lanche, de jogos e ter a oportunidade de conhecer os missionários. “Muitos descobriram a Igreja e se tornaram membros por meio destas noites familiares”, conta Wilhelmina, que, trabalhando como pasteleira, pôde pagar os estudos de seus filhos até o sexto grau.

Quando Reynolds e Gislaine Saint-Louis entraram na Igreja, tinham a vantagem de possuir uma família e emprego — ele era representante de produtos médicos e ela pediatra. Ainda assim, Reynolds, membro do Ramo Petionville, diz: “Antes de nos batizarmos na Igreja, em 1980, eu não tinha nenhuma visão da eternidade. Hoje, naturalmente, as coisas são diferentes — temos dois filhos e esperamos ser selados, como família, no templo.”

Fritzner Joseph acredita que a juventude do Haiti mudará a nação. “É por isso que estou aqui hoje, para trabalhar com toda a energia, a fim de fortalecer os jovens. Setenta por cento de nossos membros são jovens, e eles vão criar famílias fortes, uma igreja forte e um país forte.”

Com tantos membros jovens, o apoio aos solteiros e suas necessidades é uma coisa natural. “Na Igreja podemos conhecer outros jovens solteiros com padrões elevados”, diz Joseph Serat, que conheceu sua mulher, Evline, quando participavam de uma representação teatral no ramo. Kerline Barbot, um ex-missionário, declara: “Nunca nos sentimos solitários na Igreja. Os membros são como uma família.”

VENCER O VODU

Além de ajudar os membros a enfrentar os desafios econômicos e morais, o evangelho os ajuda a enfrentar o vodu, uma tradição religiosa que floresce no Haiti. O vodu, no Haiti, combina símbolos e imagens cristãs tradicionais com seu próprio tipo de adoração espírita, que inclui





À esquerda: Lynda Jean-Baptiste, presidente da Sociedade de Socorro do Ramo Delmas, também trabalha como professora de um jardim de infância. Espera instilar em seus alunos a auto-estima e

oferecer-lhes um exemplo de amor cristão. À direita: Alex Laguerre, presidente do Ramo Port-au-Prince Centrale, traduz publicações da Igreja para o haitiano crioulo.



possessão de espíritos, maldições e sacrifício de sangue.

Alguns dos membros praticavam tanto o vodu como o cristianismo tradicional, antes de pertencerem à Igreja. Diz o irmão Joseph: “Eles praticavam ambos antes, e é difícil para eles compreender que não podem mais fazê-lo. Os membros, porém, descobrem que essa tentação lhes é cada vez menos atrativa, à medida que aumenta seu testemunho do evangelho. Quando se recusam a praticar o vodu, alguns deles precisam abandonar os laços familiares, amigos e até mesmo empregos, o que é um grande sacrifício num país com mais de 50 por cento de desemprego.

Oriol Atus, primeiro conselheiro na Presidência do Distrito Norte, perdeu duas ofertas de emprego e uma promoção, por se recusar a praticar vodu. “Para ser bem sucedido em muitos lugares, tem-se que praticá-lo. Várias vezes meus empregadores, ou empregadores em perspectiva, pediram-me que escolhesse a Igreja ou o vodu. Eu, naturalmente, sempre deixei o emprego ou desisti da promoção. Ganho menos agora, mas vale a pena.”

Para outros membros isto impõe um desafio maior. Os membros pobres, que vêem participantes do vodu serem bem sucedidos financeiramente, “encontram muita dificuldade em resistir à tentação de não voltar a praticá-lo”, diz Wilfrid Elie, um converso recente, autor e inventor. Wilfrid observa que o “vodu é uma perversão da verdade e é fraco, quando comparado com a verdade real. Já usei os poderes que o sacerdócio me dá, para sobrepujar o adversário. O sacerdócio significa tudo para mim. Eu sei que ele é Deus.”

COMEÇAR DE NOVO

Quando Eddy Bourdeau foi batizado, em 1983, nunca imaginou que um dia se tornaria presidente do distrito do país todo (antes de sua recente divisão). “Eu não tinha uma convicção forte no início”, declara. “Na verdade,

fiquei apreensivo ao receber o Sacerdócio Aarônico.”

Então ele leu diversos livros sobre a história da Igreja, que aumentaram sua dedicação. “Quando li um relato sobre os pioneiros que deixaram os lares, países, e até mesmo famílias, a fim de irem para um deserto desconhecido, pensei: ‘Eles não haveriam de sacrificar-se tanto por algo que não fosse verdadeiro!’”

A leitura do Livro de Mórmon aumentou-lhe a convicção de que “se eles podem fazê-lo, eu também posso, não importa quão difícil seja”. Hoje recorda muitas bênçãos, tais como sua mulher ex-missionária, que lhe apareceu quando ele decidiu devotar-se a Deus. “Deus provê. Ele nos ajudará aqui no Haiti”, acrescenta. “Ainda assim, pedimos que os membros do mundo todo orem por nós, ao tentarmos começar de novo. Precisamos de vossas orações.”

Começar de novo é uma frase comum para os membros da Igreja no Haiti. “Minha vida começou quando encontrei a Igreja”, diz o irmão Joseph. “Para ser honesto, eu tinha muitos problemas quando fui batizado, incluindo a morte de minha mãe e de meu pai no ano anterior”, diz ele. “Sabia, porém, que tinha encontrado a verdade e tentei seriamente colocar o reino de Deus em primeiro lugar em minha vida. Logo começou uma nova vida para mim, com a realização de uma missão, estudos e trabalho. Eu sei que as pessoas podem mudar, por intermédio do evangelho.”

“Embora eu pudesse viver em outros lugares além do Haiti”, diz ele, “sei que devo ficar aqui.” Ele acha que o maior desafio de sua vida está nesse país, onde as pessoas dizem: “Além das montanhas, mais montanhas”, referindo-se tanto a seus problemas quanto à paisagem que as cerca. Os santos dos últimos dias haitianos, entretanto, estão escalando essas montanhas, e a cada passo que dão, maior é a sua esperança. □

Elizabeth e Jed VanDenBerghe moram na Ala Holladay First, Estaca Salt Lake Holladay.

○ Início: Igreja de uma Só Pessoa



Quero ser batizado para a remissão dos pecados”, dizia a carta carimbada Port-au-Prince, Haiti, e endereçada à Missão Flórida Forte Lauderdale. Era de Alexandre Mourra, um proeminente comerciante do Haiti, cuja busca da verdade estava finalmente chegando ao fim. O Presidente Richard L. Millett leu-a e enviou-lhe dois exemplares do Livro de Mórmon, um em francês e outro em inglês.

Nascido em Santiago, no Chile, de pais de descendência judaico-árabe, Alexandre foi levado para o Haiti quando bebê, permanecendo lá até a juventude. A família foi então para Belém, onde seu pai morreu; daí ele foi com o exército britânico para o Líbano, durante a II Guerra Mundial, voltando para o Haiti como marido e pai. Em toda a parte onde esteve, procurou a verdade sobre Deus e a vida. Orou durante anos para que sua busca tivesse um fim, chegando todos os dias a retirar-se para um quarto que ficava na parte de cima de sua loja, em Port-au-Prince, para pedir a Deus uma resposta.

Um dia, em 1977, Alexandre voltou para a loja depois de orar e disse à mulher: “Preciso ir a algum lugar.” Acabou indo para a loja do seu primo, onde a mulher deste lia um Livro de Mórmon que lhe havia sido dado em Miami, por missionários santos dos últimos dias. Como ela não quisesse emprestar-lhe o livro, Alexandre pediu-lhe emprestado um folheto que ela possuía, com o testemunho de Joseph Smith. Leu-o imediatamente e, em seguida, escreveu para a Missão Flórida Forte Lauderdale, pedindo o livro. Quando os livros chegaram ele passou uma noite inteira lendo o exemplar em francês e ficou sabendo que sua busca havia terminado. Em julho de 1977, Alexandre voou para Forte Lauderdale, onde foi batizado e ordenado sacerdote, aos cinqüenta e oito anos de idade.

Foi este o início de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no Haiti. Respeitado por muitas pessoas por sua religiosidade e integridade, o

irmão Mourra contou a muitos sua descoberta, mas continuou sendo o único membro da Igreja no país, até julho de 1978. No dia 8 de junho, o Presidente Millett telefonou a Alexandre, da Flórida, contando-lhe que todos os homens dignos da Igreja tinham agora a bênção de receber o sacerdócio. Essa notícia foi muito significativa para a população do Haiti, 98 por cento negra. “Tenho muitas pessoas prontas para o batismo”, respondeu o irmão Mourra. “Quando é que vocês vão vir para cá?”

No dia 2 de julho o Presidente Millett e seus conselheiros assistiram a uma cerimônia batismal diferente, num rio em Hatte-Maree, uma pequena cidade ao norte de Port-au-Prince, onde vinte e dois haitianos se tornaram membros da Igreja. Em setembro de 1978 o irmão J. Frederick Templeman chegou no Haiti com sua mulher e quatro filhos, para trabalhar como primeiro secretário do embaixador do Canadá. Ele e o irmão Mourra trabalharam muito para estabelecer o primeiro ramo da Igreja no Haiti, um evento que aconteceu em outubro de 1980, em Port-au-Prince.

Nessa época, quatro missionários de tempo integral, enviados pela Missão Flórida Forte Lauderdale estavam trabalhando no Haiti. O país permaneceu como parte da missão Flórida até 17 de abril de 1983, quando o Élder Thomas S. Monson, então do Quorum dos Doze, dedicou o país à pregação do evangelho. Quase uma centena de haitianos já serviram ou servem atualmente como missionários em seu país nativo, e são muitos os jovens que esperam alistar-se nessas fileiras em breve. □

Um ano depois de seu próprio batismo, Alexandre Mourra, na fileira de baixo, à esquerda, batizou vinte e três pessoas com quem havia compartilhado o evangelho. Foram estes os primeiros batismos no Haiti.





COMO POSSO CONTROLAR MEU GÊNIO?

Não consigo controlar meu gênio. Eu tento, mas as pessoas frequentemente fazem coisas tão irritantes que perco o controle. Não consigo dominar-me. Será que é mesmo errado ficar zangado quando temos uma boa razão para tal? Se é, como posso controlar-me?

Respostas dadas como orientação, e não como um pronunciamento oficial da Igreja.

NOSSA RESPOSTA:

O mundo está cheio de aborrecimentos. Dividimos o planeta com bilhões de pessoas, todas capazes de fazer uma enorme quantidade de coisas humanas, irritantes. Felizmente, nunca chegamos a entrar em contato com 99,99 por cento delas. Infelizmente, ainda resta gente suficiente, em nossa família, escola e comunidade, para fazer coisas que nos irritam, se o permitirmos.

O gênio não nasce com a pessoa. Ele é uma parte de nós. Quando o controlamos, estamos controlando a nós mesmos. Quando os outros o controlam com suas ações, eles nos estão controlando. E então, onde fica o nosso livre-arbítrio?

A pessoa que possui um gênio violento e incontrolável é como uma garrafa de nitroglicerina. Todos a tratam com medo, evitando-a quando é possível e contornando-a devagarinho, quando não o é. E isso certamente não ajuda a fazer amizades ou a desenvolver um relacionamento familiar confortável e seguro.

O mau gênio incontrolável geralmente nos leva à profanidade, violência e abuso emocional e físico

dos outros. Tais coisas nos impedem de participar dos dons do Espírito como poderíamos.

A raiva pode ser justificada? As escrituras nos dizem que Deus se zanga com a iniquidade e com os pecadores que não se arrependem. Não é, porém, uma raiva incontrolada.

Nós também devemos odiar o pecado, e coisas como a venda ilegal de drogas ou abuso de crianças merecem uma reação de raiva controlada e racional. Ficar zangado sempre que as pessoas fazem alguma bobagem é uma emoção negativa, como a luxúria e a cobiça. Temos que controlá-la também, se quisermos progredir espiritualmente.

Portanto, como podemos aprender a controlar o mau gênio? Eis algumas sugestões:

1. Acalmemo-nos simplesmente. Seja o que for, ignoremo-lo. Não vale a pena ficar zangados. Ao sentirmos que estamos sendo provocados, existe um exercício que podemos fazer, com o corpo, que é de grande valor para o espírito. Chama-se dar de ombros.

2. Preparemo-nos com antecipação. Decidamos antes de nos levantar de manhã, ou antes de pegarmos no volante do carro, ou

antes de irmos para a escola, que não vamos reagir negativamente. Visualizemos as situações que geralmente nos irritam e tentemos ver a nós mesmos agindo calmamente.

3. Examinemo-nos. Somos mortais e, provavelmente, fazemos coisas estúpidas e irritantes também. Sejamos tão pacientes e tolerantes com os erros alheios, quanto esperamos que as pessoas sejam com os nossos.

4. Desenvolvamos nosso senso de humor. Aprendamos a rir de nós mesmos, e a ver os erros tolos dos outros exatamente como são — erros tolos. Aliás, mesmo quando as pessoas parecem estar sendo deliberadamente rudes ou desatenciosas, o humor pode ser uma excelente defesa.

5. Acima de tudo, procuremos a paz e o amor que promanam do Espírito. Façamos isso depressa. Perdoemos. O perdão nos ajuda a não nos ofendermos facilmente. Oremos diariamente e tenhamos uma prece constante no coração. Leiamos as escrituras e façamos tudo o que nos foi ensinado, a fim de conservarmos o Espírito.

Mais uma coisa. Na verdade, só discutimos o tipo de raiva denominada “mau gênio”. Existem outros tipos de raiva, profunda e contínua, resultante dos pecados alheios ou de sérias ofensas que nos foram feitas — a nós ou àqueles que amamos. Se é este o tipo de raiva que sente, nós o incentivamos a

pedir ajuda de um adulto confiável, como seus pais ou o bispo.

RESPOSTAS DOS JOVENS:

Entendo seu problema. A raiva é uma coisa estranha, e é uma vergonha sermos às vezes vítimas de nossas emoções. Todos nós possuímos fraquezas que temos que sobrepujar. Eu gostaria de compartilhar algumas sugestões que me ajudaram: (1) Demore a reagir. Conte até dez, saia do lugar que lhe causou tal sentimento, antes de perder o controle, ou respire profundamente algumas vezes. (2) Identifique a raiva. De onde vem? Como foi causada? Como pode ser evitada? (3) Vá para algum lugar onde possa ficar sozinho, ajoelhe-se e conte tudo ao Pai Celestial. (4) Peça ajuda ao Senhor. Ore para que ele tire esse sentimento de seu coração, substituindo-o por paz e perdão. Ele prometeu, em Êter 12:27, que se nos humilharmos diante dele, ele fará "com que as coisas fracas se tornem fortes".

Élder Thomas F. Smith, 19
Birmingham, Alabama

A raiva é uma emoção à qual todos estão sujeitos, uma vez ou outra. A diferença é que algumas pessoas aprendem a controlá-la, enquanto que outros não. Quem fica zangado, perde o controle. Satanás passa a controlá-lo.

Algo que me ajudou foi observar

os outros, para ver como ficam quando estão com raiva. Quando vi como as pessoas ficam ridículas, prometi a mim mesmo praticar o autocontrole e não mais me zangar. Estou aprendendo a ter paciência.



Kurtis Hyde, 19
Lovelock, Nevada

As decisões que toma quando está zangado podem ser prejudiciais aos outros. Em vez de gritar com os outros e atirar coisas, pare e pense no problema. Será que não se excedeu em sua reação? A pessoa estava se sentindo bem, ou algo ia mal com ela? Você estava de mau humor? Ficar zangado não é bom. A melhor coisa a fazer é falar com a pessoa que o ofendeu, perdoar e esquecer.

Vicky M. Brugger, 14
Rochester, Nova York

Também tenho um tremendo mau gênio. As pessoas costumavam me irritar nas mínimas coisas. Às vezes eu ficava tão irada, que gritava com alguém só por me tocar. O pior de tudo é que isso geralmente acontecia com a minha família. Descobri, porém, que sofria de uma insuficiência de vitamina que estava fazendo com que ficasse irritadiça. Compreendi também que precisava aprender a amar. O Salvador amava

todos, mesmo aqueles que o traíram.

Acredite-me, meu irmãozinho me irrita tanto, que tenho vontade de dar-lhe um chute, mas pedi ao Pai Celestial não que meu irmão seja bonzinho para *mim*, mas que me ajude, para que *eu* seja boazinha para *ele*. E funciona. Ele não ficou menos irritante, mas eu não sou mais tão sensível.

Sheila Webb, 17
Sunnyvale, Califórnia

Eu gostaria de começar dizendo que tenho o mesmo problema, mas aprendi a controlar meu gênio. Às vezes posso ficar zangado e brigar com alguém, mas mais tarde me desculpo. Acho, honestamente, que podemos aprender a nos controlar. Enquanto não conseguir, ore e pense o quanto está ferindo os outros.



Tammy Booth, 14
Geneva, Alabama

Todos nós ficamos zangados, por este ou aquele motivo. É normal, mas ficar zangado não resolve nada. Só piora a situação. Pense, antes de perder o controle de si mesmo. As pessoas que não pensam só fazem bobagens. Existem pessoas que tentam fazer com que fiquemos zangados. Desaponte-os, respondendo de maneira agradável. Talvez tenha que contar de um a dez e

depois contar de novo, para se recompor antes de dizer alguma coisa, mas não fale sem pensar. Com o tempo você aprenderá a controlar seu gênio e a ter paciência. "A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira" (Provérbios 15:1).



*Tonya Stock, 20
Sandy, Utah*

Tive algumas experiências pessoais com o meu modo impróprio de lidar com a irritação. Há um ano perdi o controle de mim mesmo e acabei quebrando a mão na parede. Dois meses depois de tirar o gesso, quebrei-a de novo noutra parede. Como resultado de minha imaturidade, perdi o respeito de minha família e dos amigos.

Quando ficar zangado não desconte a raiva nas pessoas ou coisas. Acalme-se e compreenda que o mundo não vai acabar. Raramente experimentaremos uma indignação justa como a de Jesus Cristo, quando virou as mesas no templo. As pessoas o julgaram pelo modo como reage sob pressão, e quem é que gosta de alguém inclinado a ter acessos de raiva? O autocontrole é um requisito para o progresso no plano eterno do Senhor.

*Max Booher, 16
Bellingham, Washington*

Existem formas positivas de canalizar esses sentimentos frustrantes. Eu gosto de falar sobre eles. Acho que a melhor forma de fazê-lo é conversar comigo mesma ou com um bom amigo sobre o que está me aborrecendo. Quando falo comigo mesma, gosto de dar um passeio ou andar de bicicleta. O tempo que passo comigo mesma me dá a oportunidade de realmente meditar e perguntar por que estou tão zangada. Isto sempre me ajuda e me deixa com o coração mais leve e o espírito mais calmo. Então posso estudar o problema e vê-lo com mais clareza, uma vez que a raiva deixa de obscurecer minha visão.

Outro método é falar com um amigo. O amigo que mais nos conforta, nos dá o melhor conselho e nos escuta com maior atenção é o Pai Celestial.

*Letitia Donahoo, 20
Rexburg, Idaho*

Todos nós fazemos coisas irritantes às vezes. Da próxima vez que alguém o irritar, fique calmo e ignore a pessoa, pois todos nós fazemos comentários estúpidos.

*Chad Fisher, 14
Denver, Colorado*

Tive muitos problemas com o meu gênio. Eu costumava gritar com as pessoas, porque achava que eram todas idiotas. Perdia o controle rápida e facilmente. Sobrepujei isto lendo o Livro de Mórmon,

escrevendo meus sentimentos no papel e fazendo um esforço consciencioso para mudar. Depois de uma semana pude sentir que já não estava ficando zangado com as pessoas com tanta frequência.



*Elder John
O. Leyer, 19
Indianapolis, Indiana*

Você pode fazer com que a seção PERGUNTAS E RESPOSTAS seja mais útil, respondendo à pergunta abaixo. É favor enviar sua resposta antes de 1º de janeiro de 1992, para PERGUNTAS E RESPOSTAS, International Magazines, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150, USA. Inclua nome, idade, cidade, ala e estaca com a resposta. Pode escrever (ou datilografar) em sua própria língua; as respostas serão traduzidas. Se possível, inclua também uma fotografia sua. A fotografia não será devolvida. Se sua resposta for muito pessoal, talvez deseje que seu nome não seja publicado. Nem todas as respostas serão necessariamente aproveitadas.

Pergunta: Acho o estudo das escrituras aborrecido. Não compreendo o que há de tão importante nelas. Será que há algo que posso fazer para apreciá-las melhor e para que tenham mais significado em minha vida? □

Uma Vida Centralizada no Salvador

Todas nós temos prioridades que nos guiam na escolha da forma como haveremos de despendar o tempo, energia e outros recursos. Por exemplo, uma família cuja prioridade seja a educação, gasta seus esforços e recursos ajudando os membros da família a se sobressaírem nos estudos.

Podemos descobrir qual é nossa prioridade, observando cuidadosamente o modo como gastamos o tempo. Podemos pensar, por exemplo, que o estudo das escrituras é uma prioridade em nossa vida, mas descobrir que na verdade passamos mais tempo assistindo à televisão do que estudando as escrituras.

Como é que você despende seu tempo, energia e outros recursos? Pense e, baseada na resposta, diga quais são suas prioridades.

CENTRALIZADAS NO SALVADOR

Será que existe uma prioridade que possa adaptar-se às circunstâncias únicas de cada mulher SUD? A irmã Sydney Smith Reynolds, de Orem, Utah, escreveu: "Nossa preocupação principal deve ser: Sei que Jesus é o Cristo, o Filho literal de Deus? Acredito nos profetas vivos e sigo suas palavras? Como reajo aos desafios da vida diária? Geralmente tento agradar ao Senhor, às outras pessoas ou a mim mesma?" (*Ensign*, março de 1984, p. 22.)

Será que eu viveria de maneira diferente se estivesse mais interessada



PINTURA DE HARRY ANDERSON, CORTESIA DE PACIFIC PRESS

em agradar ao Senhor do que em agradar aos outros ou a mim mesma?

ESCOLHAS DIÁRIAS: O SALVADOR EM PRIMEIRO LUGAR

A irmã Mette Hansen Law sustentava a família, operando um negócio próprio na Dinamarca, datilografando manuscritos. Como o negócio estivesse parado, ela, a mãe e uma filha jejuaram e oraram, pedindo para receber mais trabalho. No dia seguinte, recebeu um grosso manuscrito, enviado por um novo cliente.

Por algum motivo, no entanto, a irmã Hansen não conseguiu fazer o trabalho. O computador se recusava a funcionar adequadamente, e quando ela pegou o manuscrito, teve a estranha sensação de que suas mãos estavam sujas.

Frustrada, orou pedindo ajuda e foi inspirada a ler o manuscrito, começando de trás para a frente. Na segunda página do livro, que deveria ser um manual para universidades da Dinamarca, ela encontrou "a pior blasfêmia contra Jesus Cristo que jamais havia lido".

Uma voz dentro dela lhe disse: "Não faça este trabalho, Mette. Você se esquecerá de Cristo, se o fizer." Outra voz lhe disse: "O livro será impresso, quer você o faça ou não, mas, se o fizer, poderá pagar suas contas do mês que vem."

Pedindo forças em oração, ela explicou seus sentimentos ao impressor e devolveu o manuscrito. Dias mais tarde recebeu encomendas suficientes para conservá-la ocupada durante os seis meses seguintes, e o impressor se tornou um de seus melhores freqüentes. (Vide "Primeiro o Dízimo", Mette Hansen Law, *A Liahona*, abril/maio 1986, p. 12.)

De que modo posso centralizar minha atenção no Salvador, nas minhas atividades diárias?

UMA VIDA MAIS PLENA E RICA

A decisão de colocar o Senhor em primeiro lugar nem sempre resulta em bênçãos materiais tão óbvias, mas toda vida centralizada no Salvador será abençoada.

Por exemplo, depois de muitos fracassos, os membros de uma família muito ocupada se comprometeram a tentar de novo ler diariamente as escrituras pela manhã. Embora não esteja sendo fácil, a mãe testifica: "A leitura em conjunto tem feito com que nos aproximemos uns dos outros. Nunca sentimos tanto amor e harmonia em nosso lar como agora."

Que bênçãos recebeu você, ao colocar o Salvador em primeiro lugar em sua vida? □

AS BEATITUDES

O CAMINHO PARA O SALVADOR

Estes ensinamentos do Sermão da Montanha testificam a divindade do Salvador e nos mostram como segui-lo.



S. Michael Wilcox

Quando o Cristo ressuscitado falou aos nefitas através de vapores de escuridão, sua mensagem foi: “Vinde a mim.” (Vide 3 Néfi 9:13-14, 20, 22.) Depois, quando ele lhes apareceu, o primeiro mandamento que lhes deu foi: “Levantai-vos e vinde a mim,... a fim de que possais saber que eu sou o Deus de Israel, e o Deus de toda a terra” (3 Néfi 11:14). Um por um, todos se aproximaram do Salvador do mundo.

Embora não estivéssemos presentes nessa maravilhosa ocasião, o convite é tão real para nós como o foi para aqueles antigos santos nefitas. Num sermão semelhante ao Sermão da Montanha, no Velho Mundo (vide Mateus 5-7), Jesus explicou, a nós e aos antigos nefitas, como chegarmos até ele. Os princípios que deu, geralmente chamados beatitudes ou bem-

aventuranças, podem levar-nos a um vigoroso testemunho da sua divindade.

SEGUIR OS IRMÃOS

O Salvador ressuscitado ensinou aos nefitas, como primeiro princípio, que deveriam seguir seus servos escolhidos: “Bem-aventurados sereis se prestardes atenção às palavras destes doze, que escolhi entre vós para ministrarem a vós e vos servirem” (3 Néfi 12:1).

Minha mãe me disse, quando eu era diácono, que o Élder William J. Critchlow Jr., Assistente do Quorum dos Doze, ia falar em nossa conferência de estaca. Chegamos atrasados e tivemos que sentar atrás, longe do pódio; quando o Élder Critchlow se levantou para falar, não consegui vê-lo. Minha mãe mandou-me pegar uma cadeira, carregá-la

entre as fileiras de bancos, e colocá-la em frente do pódio. Para o Élder Critchlow deve ter parecido estranho ver um menino de doze anos de idade no meio do corredor, olhando diretamente para ele.

Não me lembro muito bem de suas palavras, mas sei que enquanto falava, o espírito sussurrava no meu ouvido: “Este é um homem de Deus. Acredite nele.” No final da sessão ele se aproximou de mim e pôs a mão no meu ombro. Profunda paz e alegria me dominaram, e aprendi naquele momento o que significa ser *abençoado*. Essa antiga experiência me ensinou que, ouvindo as palavras dos irmãos e obedecendo a elas, estamos a caminho de sermos verdadeiramente abençoados, na presença de Cristo. Como seremos felizes se nos aproximarmos dele, confiando em seus servos e seguindo-os!

**Num sermão semelhante ao Sermão da
Montanha, no Velho Mundo, Jesus explicou
aos antigos nefitas como ir a ele.**

HUMILDADE E BATISMO
.....

O próximo princípio que o Salvador descreveu aos nefitas foi: "Benditos serão os que... se humilharem profundamente e forem batizados, porque serão visitados com fogo e com o Espírito Santo e serão remidos os seus pecados" (3 Néfi 12:2).

Vimos a Cristo quando fazemos com ele convênio — ao sermos batizados e ao participarmos do sacramento — de tomar sobre nós o seu nome.

Certa vez, quando o Presidente George Albert Smith estava muito doente, perdeu a consciência e pensou ter morrido. Encontrou-se em pé, diante de um belo lago. Logo começou a seguir uma trilha pela mata e depois de algum tempo viu um homem, a quem reconheceu como seu avô, vindo em sua direção.

"Lembro-me de como estava feliz por vê-lo", disse o Presidente Smith. "Deram-me seu nome e eu sempre me senti orgulhoso por isto."

"Quando meu avô chegou a poucos passos de mim,... olhou-me muito seriamente e disse:

'Gostaria de saber o que você tem feito com o meu nome.'

Tudo o que eu havia feito passou em minha frente como se fosse um filme numa tela... Minha vida inteira passou perante mim. Sorri para meu avô e disse:

"Nunca fiz nada com seu nome que possa envergonhá-lo."

Ele andou para a frente e tomou-me em seus braços" (*Meu Reino Avançará*, pp. 107-108).

Algum dia, cada um de nós pode ter que permanecer diante do Salvador, desejoso de abraçá-lo. Posso imaginá-lo dizendo: "Quando você foi batizado, tomou sobre si o meu nome. O que fez com ele?" Desejaremos ter vivido de modo a podermos responder: "Nunca fiz nada com seu nome que possa envergonhá-lo."

OS POBRES EM ESPÍRITO
.....

Depois de ensinar estes dois princípios básicos, explicando que nos aproximamos dele sendo batizados e recebendo o dom do Espírito Santo, Cristo descreveu o estado abençoado daqueles que recebem esse Espírito. Ele também ressaltou a importância da humildade, quando do recebimento do seu Espírito.

"Bem-aventurados são os pobres em espírito que vêm a mim", declarou ele, "pois deles é o reino dos céus" (3 Néfi 12:3). Só depois de reconhecermos que somos pobres em espírito, humilhar-nos-emos profundamente e seremos batizados. Somos, então, abençoados com o Espírito do Senhor (vide o vers. 2).

O Presidente Ezra Taft Benson disse que "a humildade é reconhecer que dependemos de um poder maior" (*Teachings of Ezra Taft*

Benson, Salt Lake City: Bookcraft, 1988, p. 369). O Salvador e seus profetas são grandes exemplos deste princípio. "Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma", disse Jesus. "Como ouço, assim julgo; e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou" (João 5:30).

Brigham Young disse: "Nada somos; só somos o que o Senhor faz de nós" (*Journal of Discourses*, 5:343). E Moisés declarou: "Agora... sei que o homem é nada, coisa que nunca havia imaginado" (Moisés 1:10). Em comparação com a riqueza de espírito do Pai, somos realmente "pobres".

Sinto profunda humildade dentro de mim quando, como ensinou o rei Benjamim, reconheço que toda uma vida de louvor e serviço a Deus não é o suficiente para que eu deixe de ser um servo inútil. (Vide Mosiah 2:20-21.) Tudo o que posso fazer — minha capacidade para pensar e mover-me, e até mesmo o ar que respiro — é um dom de Deus para mim. Se eu devotasse cada minuto de minha existência exclusivamente a seu serviço, não lhe estaria dando nada que já não fosse seu.

Num certo Natal, meu filho pequeno precisou de dois dólares para fazer um presente para mim. Na manhã de Natal ele estava tão alvoroçado com o presente que havia feito, que apesar dos muitos pacotes belamente embrulhados que levavam seu nome, insistiu que eu abrisse o



meu antes. Era um porta-lápis para o meu escritório, feito com um frasco de vidro coberto com macarrão colorido em forma de concha. Com os dois dólares ele comprou alguns lápis e borrachas. Agradou-me sua inocência e carinho. Só depois ele se voltou, animado, para seus próprios presentes.

Em comparação com as dádivas abundantes que o Pai Celestial nos dá — a vida, a expiação, o evangelho, os profetas, as escrituras, o templo — o que lhe damos de volta pode ser comparado a frascos enfeitados com macarrão. É o melhor que podemos fazer, e ele aceita nossos esforços com prazer. A compreensão da diferença entre nós e o Pai produz profunda humildade e bem-aventurança.

AQUELES QUE CHORAM

“E, outrossim, bem-aventurados são os que choram, porque serão consolados” (3 Néfi 12:4). Acredito ter ganho maior entendimento desta escritura desde que me tornei bispo. O bispo presencia o derramamento de muitas lágrimas; lágrimas de culpa, vertidas em confissão; lágrimas de pesar pela morte de um ente querido; lágrimas de famílias, nas quais nem todos são membros, desejosas de receber as bênçãos do templo; lágrimas de pais, por filhos extraviados; lágrimas de dor, causadas por corpos já velhos e cansados.

Descobri que o lenço é um item indispensável para um bispo. No entanto, embora possamos secar as lágrimas da face, não é tão fácil secar as lágrimas da alma.

Encontrei conforto numa promessa contida na revelação de João: “E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor” (Apocalipse 21:4).

Disse Jesus: “Eu sou... o princípio e o fim” (Apocalipse 1:8). Ele é o fim da tristeza e da culpa. É o fim da dor, da morte, do sofrimento, do pecado e das lágrimas. É o princípio da alegria, da vida e da paz. É o princípio da cura, da verdade e do sentimento de realização. É o fim do pranto e o princípio do bem-estar.

OS MANSOS

“Bem-aventurados são os mansos”, disse Jesus, “pois herdarão a terra” (3 Néfi 12:5). Moisés foi descrito como “mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra” (Números 12:3), no entanto, possuía grande poder. Jesus falou de si mesmo: “Sou manso e humilde de coração” (Mateus 11:29), mas nenhum homem vivente jamais possuiu maior poder.

Um líder da Igreja visitou certo edifício que possuía uma enorme prensa hidráulica que podia reduzir carros velhos, transformando-os em pequenos cubos de metal.

Querendo fazer uma demonstração, o guia pediu ao irmão que removesse o seu relógio. O operador colocou-o na máquina e ajustou os controles; a lâmina superior desceu com violência, parando a apenas um milímetro do mostrador. Em seguida, foram experimentadas as lâminas laterais, que também pararam pouco antes de tocarem o relógio. O operador então tirou-o, devolvendo-o ao dono, sem um só arranhão.

Contente com a demonstração, o bom homem se virou para os que o acompanhavam e disse: “Acabamos de testemunhar a maior demonstração de mansidão que eu jamais vi. A mansidão é grande poder sob completo controle.”

OS QUE PADECEM FOME E SEDE DE JUSTIÇA

“Bem-aventurados são os que padecem fome e sede de justiça, pois eles serão cheios do Espírito Santo” (3 Néfi 12:6). O que é essa justiça que os homens desejam ardentemente e que, quando conseguida, produz felicidade?

Léhi e Néfi tiveram uma visão da árvore da vida, “cujo fruto faria uma pessoa feliz” (1 Néfi 8:10). Todas as palavras que descrevem o fruto: *doce, branco, desejável, belo, precioso e de gozo*, são usadas em termos de comparação. O fruto não é apenas doce, mas “o mais doce de todos”. Sua brancura “excedia à brancura da

**"Benditos serão os que... se humilharem profundamente e
forem batizados, porque serão visitados com fogo e com o Espírito Santo e
serão remidos os seus pecados" (3 Néfi 12:2).**



neve". Era "mais desejável que qualquer outro". Sua beleza "era tão grande que excedia a qualquer beleza". Era "mais precioso" e a coisa de "maior gozo para a alma". (1 Néfi 8:11-12; 11:8-9, 23.)

Quando alguns dos discípulos o abandonaram, Jesus perguntou aos Doze: "Quereis vós também retirar-vos?"

Pedro respondeu: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna" (João 6:67-68).

Aproximamo-nos de Cristo quando compreendemos, como Pedro, que nada pode nos satisfazer ou tornar felizes como a árvore da vida e a fonte de águas vivas do Salvador.

OS MISERICORDIOSOS

"Bem-aventurados são os misericordiosos, pois eles obterão misericórdia" (3 Néfi 12:7). A misericórdia é a qualidade de alma necessária para o perdão; aqueles que perdoam os outros serão perdoados de suas próprias ofensas. Quando reconhecemos nossas fraquezas, é mais fácil sentirmos misericórdia.

Jesse W. Crosby relatou uma experiência que teve certo dia, em Nauvoo, ao levar uma mulher para ver o Profeta Joseph Smith. Quando ela reclamou que alguém estava dizendo mentiras a respeito dela, o Profeta "lhe ofereceu seu método para lidar com tais casos.

Sempre que o inimigo contava uma história maledicente sobre ele, o que acontecia com freqüência, antes de julgá-lo Joseph fazia uma pausa e voltava o pensamento ao tempo, lugar e cenário da história, para ver se não tinha, com uma palavra ou ação impensada, assentado a pedra que servira de base para a história. Se achasse que o havia feito, perdoava o inimigo na mesma hora, sentindo-se agradecido por ter sido prevenido em relação a uma fraqueza que não sabia possuir. Em seguida, disse à irmã que gostaria que ela fizesse o mesmo; que puxasse pela memória e visse se não tinha ela mesma, inconscientemente, assentado o alicerce para a maledicência que a incomodava."

A irmã "meditou profundamente durante alguns momentos e depois confessou que acreditava tê-lo feito. Então o Profeta lhe disse que devia, em seu coração, perdoar o irmão que havia arriscado seu próprio bom nome e a amizade que ela lhe devotava, para dar-lhe uma visão mais clara de si mesma. A irmã... agradeceu seu conselheiro e foi embora em paz." ("Stories from Notebook of Martha Cox, Grandmother of Fern Cox

Anderson", texto datilografado, Arquivos da Igreja.)

Se pudermos aprender a avaliar nossas próprias ações ou palavras, mesmo quando sentimos que a ofensa maior foi cometida pela outra pessoa, veremos que será maior nossa capacidade de perdoar e oferecer misericórdia. Tornar-nos-emos mais semelhantes a Cristo.

OS PUROS DE CORAÇÃO

"Bem-aventurados são todos os puros de coração, pois eles verão a Deus" (3 Néfi 12:8). São várias escrituras que falam sobre ver a Deus. Moisés "procurou diligentemente santificar o seu povo para que pudessem ver o rosto de Deus" (D&C 84:23). O Salvador prometeu que "toda a alma que renunciar aos seus pecados e vier a mim, e clamar ao meu nome, e obedecer à minha voz, e guardar os meus mandamentos, verá a minha face e saberá que eu sou" (D&C 93:1). Da mesma forma, somos ensinados a conservar os olhos fitos na glória de Deus: "santificai-vos, para que as vossas mentes se ponham em acordo com Deus, e dias virão em que o vereis" (D&C 88:67-68). A pureza necessária para ver a Deus envolve obediência, santificação e os olhos fitos na glória de Deus.

As escrituras contêm numerosos exemplos de pessoas que conseguiram a pureza de coração

necessária e foram capazes de ver a Deus ou seus mensageiros, conversando com eles. A atitude por elas demonstrada, ao fazê-lo, dá-nos uma bela visão da pureza:

Na estrada para Damasco, Paulo disse: “Que queres que faça?” (Atos 9:6.) O menino Samuel, instruído por Eli, disse: “Fala, porque o teu servo ouve” (1 Samuel 3:10). Néfi exclamou: “Eu irei e cumprirei” (1 Néfi 3:7) e “devo obedecer” (2 Néfi 33:15). E Maria declarou: “Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra” (Lucas 1:38).

Todas estas declarações têm algo em comum — uma atitude de obediência, pureza de motivo e o desejo de fazer a vontade do Senhor. Os olhos fitos na vontade e glória do Senhor.

OS PACIFICADORES

“Bem-aventurados são todos os pacificadores, pois eles serão chamados filhos de Deus” (3 Néfi 12:9). Para compreendermos como ser pacificadores, precisamos saber o que nos traz paz. Paulo explicou que “o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé” (Gálatas 5:22). Onde o Espírito do Senhor está, há paz. Pacificador é aquele que convida o Espírito; e o Espírito concede a paz.

O Presidente Heber J. Grant contou a história de dois homens

que discutiram por causa de negócios. Depois foram pedir ao Presidente John Taylor que resolvesse a questão. O Presidente Taylor consentiu em fazê-lo, mas disse: “Irmãos, antes de ouvir o caso, gostaria de cantar um dos hinos de Sião para vós’.

Acontece que o Presidente Taylor cantava muito bem e interpretava nossos hinos sagrados com doçura e sensibilidade. Ele cantou um hino para os dois irmãos. Vendo o efeito produzido, comentou que nunca ouvira uma canção de Sião sem desejar ouvir mais uma; portanto, pediu-lhes que escutassem, enquanto cantava outra. Eles, naturalmente, consentiram. Pareciam estar apreciando.”

Então o Presidente Taylor cantou um terceiro e um quarto hino. Tendo terminado, os dois homens “estavam em lágrimas, levantaram-se, apertaram-se as mãos e pediram desculpas ao Presidente Taylor.. por haverem tomado seu tempo. Depois partiram, sem que ele nem mesmo soubesse qual era o problema” (*Improvement Era*, setembro de 1940, p. 522).

Este princípio pode funcionar em nosso casamento, nossa família e outros relacionamentos. A fonte máxima de paz é o Pai e o Filho. Aqueles que convidam o Espírito do Senhor em sua vida e seu lar, são pacificadores. E, quando ensinamos uns aos outros e ao mundo o plano de salvação do Senhor, tornamo-nos

pacificadores e filhos do “fundador da paz, sim, o Senhor que redimiu seu povo” (Mosiah 15:18).

TODOS OS PERSEGUIDOS

“Bem-aventurados são todos os perseguidos por amor ao meu nome, pois deles é o reino dos céus” (3 Néfi 12:10). É difícil compreender como podemos ser felizes sofrendo perseguições. Talvez sejamos bem-aventurados se enfrentarmos as perseguições do modo como o fizeram os profetas. Joseph Smith, por exemplo, descreveu o que achou que a perseguição fez por ele:

“Sou como uma enorme pedra bruta que rola de uma alta montanha: O único polimento que recebo é quando alguma aresta se alisa no contato com alguma outra coisa, batendo com força acelerada contra a intolerância religiosa, astúcias eclesiásticas, malícias de advogados, doutores e editores demagogos, juizes e jurados subornados, e contra a autoridade de executivos perjuros, apoiados pelo populacho, por blasfemadores e por homens e mulheres libertinos e corruptos; todo esse corpo infernal, arrancando uma aresta aqui, outra acolá. Assim chegarei a ser um dardo polido na aljava do Todo-Poderoso” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 295-296).

Joseph Smith compreendeu que a oposição e a perseguição podem refinar e polir as pessoas. Tiago

**Numa atitude de obediência e com pureza de
intenção, Paulo perguntou ao Senhor: "Que queres
que faça?" (Atos 9:6.)**



declarou: "A prova da vossa fé obra a paciência" (Tiago 1:3). A paciência é o entendimento de que todas as coisas nos servem de experiência (vide D&C 122:7) e podem voltar nosso coração ao Cristo.

UMA LUZ PARA TODO O MUNDO

Vivendo a vida descrita pelo Salvador, temos o potencial de ser uma luz para os outros. "A vós é dado serdes a luz deste povo", disse Jesus (3 Néfi 12:14). O mundo precisa ver as bênçãos que esse tipo de vida proporciona; ver não apenas nossas boas obras, mas também a alegria que tais obras produzem. As pessoas devem saber que podem receber tal felicidade quando se aproximam de Cristo.

UM CORAÇÃO QUEBRANTADO

Jesus concluiu esta parte do seu sermão aos nefitas, repetindo o convite que lhes fez, para que o buscassem: "E eis que vos dei a lei e os mandamentos de meu Pai, a fim de que acrediteis em mim, vos arrependais dos vossos pecados e chegueis a mim com um coração quebrantado e um espírito contrito" (3 Néfi 12:19).

Muitas vezes fiquei imaginando o que significa possuir um coração "quebrantado". Quando eu era menino, meu tio me permitiu ajudá-lo a domar cavalos selvagens. Nós os laçávamos, púnhamos fortes

cabrestos de couro em suas cabeças e atávamos uma corda bem forte neles. Depois amarrávamos a corda em volta de um sólido poste de madeira, bem afundado na terra. Os potros novos, detestavam a corda e se debatiam contra ela durante dias, enfiando as patas desafiadoramente no chão e lutando para arrancá-la, mas só conseguiam machucar-se. Com o tempo, aprendiam a aceitar a corda e gradualmente podíamos aproximar-nos deles e ensiná-los a serem conduzidos. Quando meu tio conseguia pegar a corda frouxamente na palma da mão, virar-se de costas e andar com o cavalo seguindo-o, dizia: "Este cavalo aprendeu a obedecer. Ele foi domado."

O coração quebrantado é um coração domado, um coração submisso e obediente, um coração aberto ao Salvador. Por que haveríamos de hesitar em seguir o Senhor aonde deseje nos conduzir, quando sabemos o preço que ele teve que pagar por nós, por causa do amor que nos tem? Por que haveríamos de querer puxar a corda que conduz nossa vida, afastando-a dele?

Élder Boyd K. Packer disse certa vez: "Dirigi-me (ao Senhor) e disse-lhe, em essência: 'Não sou neutro, e

podeis fazer comigo o que desejardes. Se precisardes do meu voto, vós o tendes. Não me importa o que fareis comigo, e não tendes que tirar nada de mim, porque eu vos dou tudo o que possuo, tudo o que sou' " (*That All May be Edified*", Salt Lake City: Bookcraft, 1982, p. 272).

APROXIMAR-NOS DE CRISTO

Da primeira vez que levamos nossa filhinha, então com três anos de idade, à Praça do Templo, na Cidade do Lago Salgado, em Utah, ela me mostrou o que significa ir a Cristo. Quando subíamos a rampa no Centro de Visitantes Norte, ela olhou para cima e viu a estátua de Jesus. Largou minha mão, olhou-me e, com uma expressão ansiosa e cheia de amor, exclamou: "Oh, paizinho! É Jesus!" Em seguida correu o mais depressa que pôde para encontrá-lo.

O próprio Salvador disse: "Todos os que se arrependerem e vierem a mim como criancinhas, eu os receberei, pois dos tais é o reino de Deus. Eis que por estes dei minha vida e tomei-a de novo; por conseguinte, arrependei-vos e vinde a mim, ó vós, extremos da terra, e salvai-vos!" (3 Néfi 9:22.) □

S. Michael Wilcox, instrutor do Instituto de Religião dos Santos dos Últimos Dias, adjacente à Universidade de Utah, pertence a Ala Draper Tenth, Estaca Draper Utah North.

MARAVILHOSO! MARAVILHOSO! MARAVILHOSO!

Donna Shin

Sentamos juntos no carro, na ocasião em que um grupo de líderes da Igreja viajou para assistir a uma conferência de distrito em Wonju, na Coreia. Ele era um dos conselheiros da presidência da Missão Coreia Seul, e eu era a mulher do presidente da missão.

Pedi-lhe que descrevesse sua conversão ao Evangelho de Jesus Cristo. Ele deu de ombros, apertou os olhos e se encolheu no assento. "Não tenho nada interessante para contar, irmã Shin", respondeu. Com um pouco mais de incentivo, porém, Daeyoon Kim gradualmente contou sua "desinteressante" história.

Quando menino, ele havia sido uma daquelas crianças tão comuns na Coreia, que seguem os missionários por toda parte. Os élderes moravam perto de sua casa em Chinhae, e ele os perturbava o tempo todo, conversando, pedindo doces, querendo jogar ou brincar com eles. Eles se mostraram sempre pacientes e bondosos, de modo que Daeyoon passou a gostar deles. Depois de algum tempo começou a segui-los até a igreja. Aos doze anos alguns missionários lhe ensinaram as palestras e ele foi batizado. Como os élderes sempre se mostraram bons e amáveis para com ele, continuou ativo na Igreja.

Quando Daeyoon estava com quatorze anos, foi anunciado que a primeira conferência de área da Coreia seria realizada em Seul, a capital do país. O profeta, Presidente Spencer W. Kimball, estava vindo da América!

Daeyoon, pressuroso, pediu a seus pais, não-membros, permissão para assisti-la. Preocupados com a viagem que

ele teria que fazer, sete horas num ônibus de Chinhae a Seul, eles inicialmente se mostraram relutantes. Daeyoon, porém, podia ficar com parentes em Seul, e os pais, finalmente, consentiram que fosse.

O dia da conferência chegou, e Daeyoon escutou com emoção as maravilhosas palavras do Presidente Kimball e das outras Autoridades Gerais, mas como seu assento ficava na parte de trás do auditório, mais podia ouvi-los do que vê-los, e ficou desapontado por estar tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Com a fé inocente dos jovens, curvou a cabeça e orou para que um dia pudesse encontrar-se pessoalmente com o Presidente Kimball e outras Autoridades Gerais.

Na manhã seguinte, Daeyoon entrou no ônibus que o levaria de volta para casa. Em certo ponto o ônibus fez uma parada e Daeyoon saiu para comprar um sorvete na lanchonete próxima. Ao sair, notou um carro americano com um adesivo no pára-choque, onde se lia "As Famílias São Eternas".

Com o sorvete derretendo, Daeyoon voltou correndo para a lanchonete, esperando encontrar alguns mórmons americanos.

Subitamente seu coração deu um pulo. Sua oração, proferida no dia anterior, seria respondida, não dali a muitos anos, mas naquele momento! Lá, do outro lado do salão, estava o Presidente Kimball. Cheio de confiança, graças às experiências positivas que tivera com muitos missionários, Daeyoon atravessou rapidamente a lanchonete, estendeu a mão e se apresentou, num inglês muito simples: "Oi! Sou Daeyoon Kim. Eu sou mórmon."

Ele era uma daquelas crianças tão comuns na Coreia, que seguem os missionários por toda parte, perturbando-os com sua conversa, pedindo doces, querendo jogar ou brincar com eles.



O Presidente Kimball, que sabia como fazer com que as pessoas se sentissem importantes, apertou entusiasticamente a mão grudenta de Daeyoon e convidou-o a se sentar à mesa. Depois tirou o lenço e, com um sorriso nos lábios, limpou o sorvete da face do menino. "Seus pais são mórmons?" perguntou.

"Não", respondeu Daeyoon, baixando os olhos.

"Ótimo!" Foi a resposta imediata do Presidente. "Você pode ajudar a convertê-los. De onde é você, irmão Kim?"

"Chinhae, sete horas ao sul de Seul. Vim à conferência para ouvi-lo falar."

"Sinto orgulho de sua devoção em viajar tamanha distância!" acrescentou o Presidente Kimball. "Gostaria que conhecesse minha mulher e as Autoridades Gerais que estão viajando conosco." E formalmente apresentou Daeyoon aos outros visitantes.

Passados alguns momentos, o ônibus estava pronto para partir, e o jovem teve que dizer adeus. O Presidente Kimball tomou-o pela mão, olhou-o nos olhos, e disse: "A Igreja precisa de você para edificar o reino na Coreia, irmão Kim. Servirá uma missão? Ajudará a construir o reino de Deus?" Com fervor, Daeyoon prometeu que sim.

Então o Presidente Kimball pôs os braços em volta do jovem, abraçou-o e sussurrou-lhe ao ouvido: "Maravilhoso! Maravilhoso! Maravilhoso!"

Com o passar dos anos Daeyoon teve seu tempo absorvido pelos estudos de segundo grau e universidade, e às vezes se viu tentado a ficar em casa e não ir à Igreja. Então as palavras "Maravilhoso! Maravilhoso! Maravilhoso!" soavam em seus ouvidos e no seu coração. Ele realmente queria ser digno das gloriosas bênçãos de

tal chamado, daquela honra que o Presidente da Igreja lhe havia concedido. Continuou a assistir às reuniões fielmente, mesmo quando pressionado pelos pais e pelos colegas a não fazê-lo.

Quando na universidade, Daeyoon voltou para casa em Chinhae, para uma visita, e encontrou um antigo colega de escola, que costumava ridicularizá-lo por não beber. "Você continua indo à igreja, agora que já é estudante universitário?" perguntou o amigo.

"Sim, e pretendo fazê-lo a vida toda", respondeu Daeyoon.

"Não posso compreender", exclamou o rapaz. "Como é que você pode se divertir, preso por tantas restrições? Eu nunca poderia viver assim. Quero ser livre!"

Ao chegar em casa, o irmão Kim lembrou que logo que encontrou o amigo, ele lhe perguntou algo sobre a Igreja. Quando se encontraram, no dia seguinte, Daeyoon disse: "Não quero pressioná-lo de maneira nenhuma, mas acho que você gostaria de conhecer os missionários de minha igreja. Será uma nova experiência para você."

Para alegria de Daeyoon o colega replicou: "Por que não? Não tenho nada melhor para fazer agora." E assim começou a receber as palestras dos missionários. Seu estilo de vida mudava a cada lição que recebia. Parou de fumar e beber, começou a orar com real intenção, e leu avidamente o Livro de Mórmon. Lá pela quarta palestra, estava tão animado que convidou a irmã para participar. Não se passou muito tempo e ele, suas três irmãs e o pai foram batizados. Um ano mais tarde estava servindo na Missão Coreia Taejon, onde se tornou assistente do

presidente da missão — tudo isso antes mesmo de o irmão Kim ter recebido seu próprio chamado.

Nessa mesma época, Daeyoon também foi o instrumento para a conversão de mais sete colegas.

Como missionário de tempo integral, Daeyoon serviu como assistente do presidente da Missão Coréia Seul, além de batizar muitos conversos.

Antes da missão, Daeyoon assistiu à dedicação do Templo da Coréia, onde ficou conhecendo a irmã Jeanhyun Baek. Dentro de pouco tempo o casamento estava planejado. Daeyoon falou-lhe da promessa que havia feito ao Presidente Kimball, de que haveria de servir uma missão. Embora a irmã Baek já tivesse servido uma missão de tempo integral, decidiu aceitar um segundo chamado missionário, enquanto Daeyoon servia a sua missão.

Dez dias depois de terminar a missão, Daeyoon e Jeanhyun se casaram no Templo Seul Coréia. Hoje possuem uma filhinha, Euigin. O irmão Kim mais tarde serviu como presidente do Distrito Kang Neung Coréia. Atualmente, a família mora nos Estados Unidos, onde Daeyoon está fazendo seu mestrado em nutrição de animais. Ele planeja obter seu doutorado e depois voltar para a Coréia, para ensinar numa universidade.

Ao testificar de seu amor ao Salvador, Daeyoon fala de sua esperança de que um dia ele o abraça como o Presidente Kimball o fez, e que sussurre ao seu ouvido: “Maravilhoso! Maravilhoso! Maravilhoso!” □

Donna Shin é casada com o antigo presidente da Missão Coréia Seul, Paull H. Shin.





FOTOGRAFIA DE JED CLARK

A EXPRESSÃO

ARTE DOS SANTOS

Richard G. Oman

Durante alguns anos a equipe de auxiliares do Museu de História e Arte da Igreja colecionou obras de arte criadas pelos membros da Igreja. Consideramos tudo “arte santos dos últimos dias”, pela simples razão de ter sido criada por membros da Igreja; mais recentemente, porém, limitamos nosso enfoque. Atualmente estamos colecionando obras de arte cujo tema esteja relacionado à Igreja. A maior parte das obras são espontaneamente criadas por santos dos últimos dias, que expressam ao mundo sua fé de uma forma visual.

Alguns membros da igreja, no entanto, estão criando belas obras que não têm, necessariamente, nada a ver com religião. Tentamos incentivar tais artistas a retratar temas do evangelho em suas obras. Às vezes o fazemos convidando um indivíduo e, às vezes, convidando todos os artistas santos dos últimos dias a criarem algo baseado num tema do evangelho e a participarem da competição de arte internacional, patrocinada pelo museu.

As obras de arte colecionadas até o presente demonstram que a palavra *arte* cobre muitas formas de expressão. À medida que a mensagem do evangelho se espalha



DE NOSSA FÉ

DOS ÚLTIMOS DIAS



pelo mundo e o número de membros aumenta, passando a incluir muitas culturas, vemos que arte significa produtos têxteis, cerâmicas, pinturas, desenhos, jóias, acolchoados, bordados, tecelagem, e muitas outras coisas.

A maioria dos trabalhos do museu pode ser chamada de arte folclórica, um retrato de nossa vida através de coisas típicas de nossa própria cultura. O que vemos nas páginas seguintes é uma amostra da verdadeira arte dos santos dos últimos dias. Faz-nos lembrar que, a despeito da incrível diversidade cultural da Igreja, somos uma comunidade que acredita no Salvador. Lembra-nos também que fé, convênios e boas obras são mais importantes que o poderio político, econômico ou tecnológico. □

Richard G. Oman, administrador-chefe do Museu de História e Arte da Igreja, Cidade do Lago Salgado, Utah, pertence à Estaca East Millcreek Utah.

“A Primeira Visão”, batique de um metro de comprimento, confeccionado por Joni Susanto, Yojakarta, Indonésia. Um estampador de terceira geração, o irmão Susanto criou esta peça para o concurso de arte internacional de 1991, patrocinado pelo Museu de História e Arte da Igreja.

Do lado oposto: O marceneiro suíço Fredrich Dietrich fez este armário de 2.28m de altura, em 1986, na Cidade do Lago Salgado, Utah. Foi pintado por Rosalinde Lipp e seu filho, Gerhart, originários da Áustria. A decoração, semelhante ao estilo típico da Alta Áustria em 1830, retrata a restauração do Sacerdócio de Melquisedeque, missionários, o Templo de Lago Salgado, e o batismo. A irmã Lipp voltou para sua terra natal, onde é conhecida como uma das melhores artistas do folclore.



Placa de Boas-Vindas", relevo colorido trabalhado em madeira (setenta e seis centímetros de altura) de Joseph H. Fisher (1856-1940), em Meadow, Utah. Esta placa é a original, ou foi baseada no entalhe original, feito para o púlpito da Ala Meadow. As pombas, as mãos apertadas em sinal de amizade e as rosas são simbólicas, e lembram aos membros da ala a necessidade de se amarem uns aos outros e de ajudarem a fazer o deserto "florescer como a rosa".



Heber J. Grant, que mais tarde serviu como Presidente da Igreja, de 1918 a 1945, foi um dos primeiros missionários enviados ao Japão. Lá ele adquiriu este vaso cloisonado (metal esmaltado), de trinta centímetros de altura, que retrata a Praça do Templo de Lago Salgado e as Montanhas Wasatch na forma de um leque tradicional japonês.



THE FAMILY OF THE
CHURCH OF JESUS CHRIST
OF LATTER DAY SAINTS

COME TO THE HOUSE OF THE
GOD OF JACOB HE WILL
TEACH US OF HIS WAYS

AND THE DESERT
SHALL REJOICE AND
BLOSSOM AS THE ROSE



PRES. JOHN TAYLOR



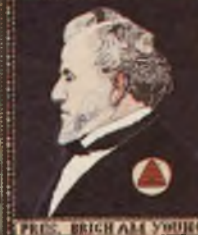
SALT LAKE TEMPLE



PRES. JOSEPH SMITH



ST. GEORGE TEMPLE



PRES. BRIGHAM YOUNG



LOGAN TEMPLE



SEA CLIFF MONUMENT



PRES. DAVID O. MCKAY



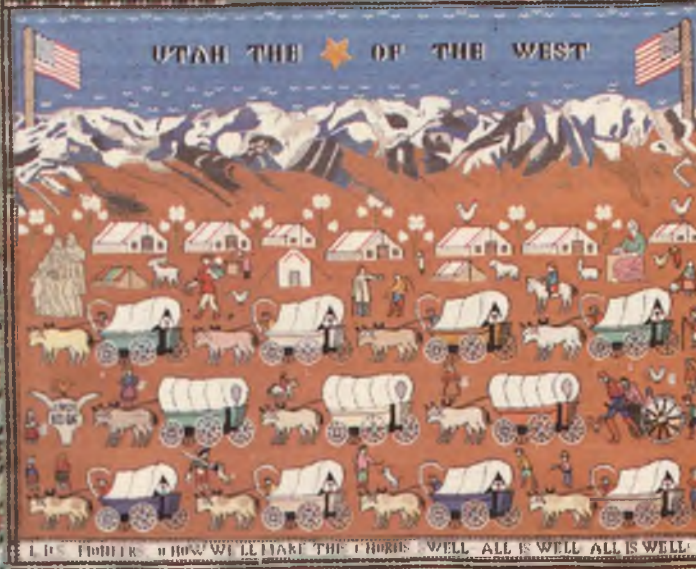
LOS ANGELES TEMPLE



SALT LAKE TEMPLE



PRES. LORENZO SNOW



PRES. WILFORD WOODRUFF



SALT LAKE TEMPLE



CANADIAN TEMPLE



PRES. HEBER J. GRANT



IDaho FALLS TEMPLE



PRES. GEORGE A. SMITH



ARIZONA TEMPLE



PRES. JOSEPH F. SMITH

Lado oposto: Ruben Ouzonian (1894-1974) e sua mulher, Mary (1908-1991), começaram a tecer este tapete armênio em princípios de 1950, em Aleppo, na Síria, enquanto aguardavam seus vistos de emigração para os Estados Unidos. Descendentes de longa linha de tecelões de tapetes armênios, completaram o trabalho em 1955. A peça, com 1.82 x 2.43 m, retrata todos os Presidentes da Igreja e os templos em funcionamento até a época em que foi tecido.



À esquerda: Lucy McKelevy, de Bloomfield, Novo México, uma das artistas mais conhecidas na arte da cerâmica, criou, em 1988, esta peça. Ela retrata Lamã, Lemuel, Néfi e Sam, personagens do Livro de Mórmon. A serpente, na parte inferior, representa a “serpente d’água” ou “deus branco”, que ensinou o povo indígena a viver. Este tipo de cerâmica é feito a mão, sem roda ou torno de oleiro, pintado com tintas extraídas de minerais e sucos de plantas fervidas, e queimado numa fogueira ao ar livre.

À direita:
Retratando a visão de Léhi da árvore da vida (vide 1 Néfi 8), esta placa de 91 cm de diâmetro foi entalhada por Victore de la Torres, de Caracas, Venezuela, artista profissional originário do Equador.



Feita no início da década de 80 por uma irmã índia pertencente à tribo Cuna, das Ilhas de San Blas, no Panamá, esta "mola" de 43 cm de espessura retrata o Templo de Lago Salgado. "Molas" são peças confeccionadas com várias camadas de pano sobrepostas, que depois são recortadas, de modo a revelar a cor apropriada — um tipo de aplicação ao reverso. Tradicionalmente, as "molas" eram feitas como enfeite para se colocar na frente de blusas.





Retratando o batismo de Jesus, esta "mola" de 43 cm de largura também foi criada no início de 1980, por uma irmã das Ilhas San Blas. A face do sol representa Deus, o Pai, apreciando o acontecimento abaixo. O papagaio que está na árvore é o equivalente dos indígenas de San Blas à pomba, representando o Espírito Santo. (Vide também a obra que aparece na terceira capa.) □

SAINDO DA SOMBRA DA MORTE

AMOR

Lembro-me bem pouco do que aconteceu naquele dia de setembro de 1986. Recordo-me de estar indo para o trabalho, mas não me lembro da volta para casa. Não consigo lembrar-me, tampouco, da reunião que tive naquela tarde, como presidente da Organização das Moças da Estaca Salt Lake Sugarhouse, com uma nova presidente de ala da organização. Ela, porém, diz que eu a visitei e que deixei sua casa lá pelas 18h30. Depois da reunião devo ter decidido subir com meu carro novo o Emigration Canyon, a oeste da Cidade do Lago Salgado, pois foi lá que outro motorista, bêbado e dirigindo em alta velocidade, bateu no meu carro.

O acidente me deixou com a memória em péssimo estado e quase me custou a vida, mas, apesar de meses de dor e medo, a experiência resultou quase que num milagre. Graças a ela ganhei a convicção plena e total de que Deus ama cada um de nós e cuida de cada um de nós de maneiras que dificilmente reconhecemos.

Devo ter subido o Emigration Canyon para apreciar as cores do outono e aproveitar o tempo livre que tinha até minha próxima reunião, com o comitê dos Rapazes e Moças da estaca. Fosse qual fosse a razão para estar lá, custou-me caro. Quando eu virava uma curva, outro carro entrou na minha pista e nos batemos de frente. Meu carro ficou completamente destruído e eu fiquei presa dentro dele. Quando os paramédicos finalmente me retiraram, tinham certeza de que eu não sobreviveria. O relatório enviado comigo para o hospital me declarava "morta ou à beira da morte".

Meu baço rompeu em dois lugares, meu diafragma ficou aberto, e meu pulmão esquerdo parou de funcionar. Mal podia respirar. Sofri muitas outras machucaduras internas e algo penetrou minha perna esquerda, danificando os nervos. Meu braço esquerdo foi cortado, meu tornozelo direito quebrado, minha cabeça sofreu lacerações severas, e minha pélvis foi fraturada em quatro lugares.

Na sala de emergência os médicos se prepararam para inserir um tubo em meus pulmões, inflando-os, mas sentiram que não deviam fazê-lo. Em vez disso, levaram-me rapidamente para a sala de cirurgia. Lá verificaram que os danos internos eram tão grandes, que se tivessem colocado um tubo na cavidade pulmonar eu não teria sobrevivido.

A única identificação que eu tinha na bolsa, que possibilitou ao hospital localizar minha família, era a recomendação para o templo. Por meio dela souberam o nome do meu bispo, John Pruess, que conseguiu entrar em contato com minha mãe.

Ela e meu irmão mais novo, Cal, chegaram ao hospital mais ou menos às duas horas da madrugada. Eu já havia saído da sala de cirurgia e o Dr. Nelson se desculpou por não ter esperado a permissão para me operar. O pessoal do hospital não pôde entrar em contato com minha família na hora, e meu estado requeria atenção imediata. Quando minha mãe soube do meu estado, ficou em estado de choque.

Cal telefonou para minha irmã Marguerite e pediu-lhe



que avisasse o resto da família. Ela disse que começou a orar por mim na mesma hora, e foi então que teve uma sensação de paz muito forte e o seguinte pensamento lhe veio à mente: "Confia em mim. Ela está em minhas mãos. Eu estou controlando a situação, sei o que é melhor e sou todo-poderoso." Ela ficou imaginando se isso significava que eu estaria nas mãos de Deus da mesma forma que nosso pai estava: ele falecera dois anos antes. Começou a orar novamente e mais sentiu do que ouviu a mensagem que lhe dizia que eu ficaria boa e logo haveria de me casar. Ela ficou imaginando por que o Senhor lhe dizia isto, mas decidiu que devia ser esta a melhor forma de confortá-la.

Naquela época eu não estava namorando e nem sequer pensava em casamento. Estava com quarenta e nove anos de idade e havia muito me resignado a ficar solteira. Havia-me preocupado durante anos por minha bênção patriarcal me prometer casamento e eu continuar solteira. Às vezes ficava imaginando se o Senhor realmente sabia da minha existência. Às vezes pensava que eu, na realidade, não lhe era muito importante, já que não passava de uma pessoa comum.

O acidente mudou tudo isto. Ao tomar conhecimento do ocorrido, minha irmã Esther se perguntava por que o Senhor não me protegera, já que eu era um membro ativo da Igreja. As seguintes palavras vieram-lhe à mente: "O que a faz pensar que eu não o fiz?" Eu sei que o Senhor realmente me protegeu. Ele me preservou a vida e livrou-me do tipo de ferimento que poderia ter-me deixado aleijada. Protegeu-me na sala de emergência, inspirando os médicos a fazerem as coisas certas, mas, e talvez o mais importante de tudo, foi que ele me fez visualizar o poder imenso do seu amor.

Na manhã posterior ao de minha entrada no hospital, Cal e um membro do bispado deram-me uma bênção. Cal não hesitou em prometer que eu me recuperaria. Mais tarde me disse que teve o mesmo sentimento de Marguerite: que eu me casaria logo.

Fiquei na terapia intensiva durante uma semana, presa a todo tipo de máquinas que me ajudavam a respirar e controlavam meu estado. Só o presidente da estaca e minha família receberam permissão para me ver, nos primeiros dias. Eu estava consciente, mas não podia falar. Tomei remédios tão fortes e em tão grande

quantidade, que quase não me lembro de nada do que aconteceu nas duas primeiras semanas. Lembro-me de algumas ocasiões em que certas pessoas foram ver-me.

Depois de sair da terapia intensiva, acordei e pude falar. Tornei-me muito dependente e queria que alguém de minha família ficasse comigo o tempo todo; assim, organizaram um sistema de revezamento. Sofri muitas dores nesse período.

A primeira coisa que senti de maneira consistente foi uma profunda consciência de que era amada. Nunca me senti tão segura. Era como se estivesse envolvida no amor de Deus. Um sentimento tão profundo, que até hoje não consigo descrever adequadamente. Fiquei também consciente do quanto minha família me amava, e era como se esse amor estivesse me envolvendo.

Esse sentimento cresceu à medida que recebi visitas de outras pessoas. Minhas conselheiras da Organização das Moças me visitaram quase diariamente, e senti que se preocupavam comigo. O bispo Pruess visitou-me com frequência e informou-me que a ala toda estava orando por mim; eu senti esse amor vindo da ala. Membros da estaca visitaram-me e falaram sobre a efusão de orações a meu favor, na estaca. Meus colegas de trabalho também apareceram, e pude notar sua preocupação.

Todo esse amor calou bem dentro de minha alma. Foi isso, acredito, o que me ajudou a sobreviver aos dias difíceis que se seguiram.

O Senhor me abençoou sobremaneira nos meses seguintes. Eu não sabia como, mas tinha certeza, desde o início, de que todos os meus ferimentos ficariam curados e que eu voltaria ao normal. Também sabia que, se queria recuperar a saúde, não podia desperdiçar minhas energias odiando o homem que me havia ferido. Concentrei-me em melhorar, em vez de ficar pensando no que estava errado. Eu sabia que o Senhor me estava ajudando a focalizar a atenção no amor e nas pessoas, esquecendo o horror da situação toda.

Tendo passado duas semanas e meia no hospital, os médicos me disseram que podia ir embora. Sugeriram, entretanto, que minha família me pusesse num centro de convalescença. Fiquei muito amedrontada com a mudança e recordo-me de haver rogado a Cal que perguntasse ao Senhor o que deveríamos fazer. Eu me apoiara quase exclusivamente no Senhor, e não queria

"O Senhor me disse numa bênção que recebi, que prolongara minha vida e que desejava que eu a transformasse numa existência alegre e feliz", diz a irmã Tucker, que aparece aqui com o marido, Jerry, no dia do casamento.



que nenhuma decisão fosse tomada sem consultá-lo. Minha família estava presente e era um apoio para mim, mas eu sabia que, acima de tudo, era o Senhor quem estava cuidando de mim.

No dia 20 de setembro fui transferida para um centro de tratamento. A medicação foi cortada pela metade, de modo que fiquei mais consciente do que estava acontecendo à minha volta. Durante uma semana me esforcei muito para recuperar as forças e aprender a me virar com os ossos quebrados. Então fui levada para a casa de Cal. Fiquei muito agradecida a ele e sua mulher por terem me deixado ficar em sua casa. Senti-me muito bem lá. Os filhos deles entravam no meu quarto depois das aulas e me contavam o que haviam feito naquele dia. Suas visitas muito contribuíram para que eu voltasse à vida normal.

Eu estive sob o efeito de remédios tão fortes no hospital, que mesmo sabendo o motivo de estar lá, não

tinha condições de concentrar minha mente em nada. Agora, porém, já não estava tomando mais remédios e, nas primeiras noites que passei na casa de Cal, tive medo de dormir. Senti a vida como por um fio e pensava que talvez não acordasse na manhã seguinte. Acordada durante a noite, começava a pensar no horror do que me aconteceu e em todas os meus ferimentos. Compreendi que poderia ter morrido ou ficado permanentemente inválida.

Nessas noites em que tive tanto medo, pedi ajuda ao Senhor. Quase imediatamente minha mente se enchia de paz e eu ganhava consciência das bênçãos que me foram dadas. Uma grande calma me envolvia e eu caía no sono. Em ocasiões como essas eu ficava maravilhada com a bondade e o amor do Pai Celestial.

Sete semanas depois do acidente voltei para casa. Minha família ficou a maior parte do dia me ajudando a me acomodar, mas passei a primeira manhã de domingo

sozinha. Foi muito difícil para mim. Depois de me ver rodeada de tantas pessoas e sentir todo o amor que me dedicavam, foi terrível a solidão daquele dia — nunca antes havia sentido algo tão profundo. Já passara pelas frustrações típicas de não me ter casado e de querer ser mãe. Agora, depois de ver-me envolvida no maravilhoso e sustentador amor de minha família, fiquei imaginando se conseguiria viver sozinha de novo.

Naquela tarde Jerry Tucker foi visitar-me. Nós nos conhecemos por causa de seu chamado como sumo conselheiro encarregado do programa das Moças, por isso, não fiquei muito surpresa quando ele continuou a visitar-me. Meses mais tarde, no entanto, quando me propôs casamento, fiquei imaginando se eu compreendia meus próprios sentimentos corretamente. Suponho ser natural a necessidade que senti de ajuda externa, para confirmar se estava certa em meu julgamento e no que pensava. Como o Senhor esteve tão próximo de mim durante a crise do acidente e a demorada recuperação, e como minha família me deu tão grande apoio, senti necessidade de sua aprovação e ajuda.

Comecei, portanto, a orar a respeito da proposta de Jerry. Minhas orações foram respondidas certo dia, quando um grande sentimento de paz tomou conta de mim. Soube, então, que tinha chegado a hora de me casar. Soube também que o Senhor não me deixara sozinha e que nada do que me fora prometido me seria negado. Eu e Jerry nos casamos no Templo de Lago Salgado, no dia 12 de fevereiro de 1987.

Desejaria poder compartilhar com todos meus amigos solteiros a certeza que adquiri com esta experiência. Tenho a convicção profundamente pessoal de que, embora às vezes não possamos ver ou compreender o que está acontecendo conosco, o Pai Celestial está sempre presente, cuidando de nós.

Com o tempo, todos os meus ferimentos ficaram curados, mas nunca mais serei a mesma. Aprendi tantas coisas que pensava saber, mas que realmente não sabia. Hoje minha fé e confiança no Senhor são muito mais profundas. Sei que ele vive. Senti sua influência em minha vida.

Aprendi que os milagres acontecem às pessoas comuns. Antes achava que não era especial, mas agora sei que o sou — sou uma filha de Deus. Somos todos

especiais, porque somos todos filhos de um Pai Celestial que nos ama. Este conhecimento é real para mim atualmente.

Antes do acidente, eu não sabia quão incrivelmente amoroso e bom Deus é. Tenho certeza de que, mesmo agora, nem mesmo começo a compreender a profundidade do seu amor, mas sinto que é muito mais profundo do que podemos imaginar. Sei que ainda que eu tivesse morrido ou ficado inválida, o Senhor estaria olhando por mim, abençoando-me como lhe parecesse melhor.

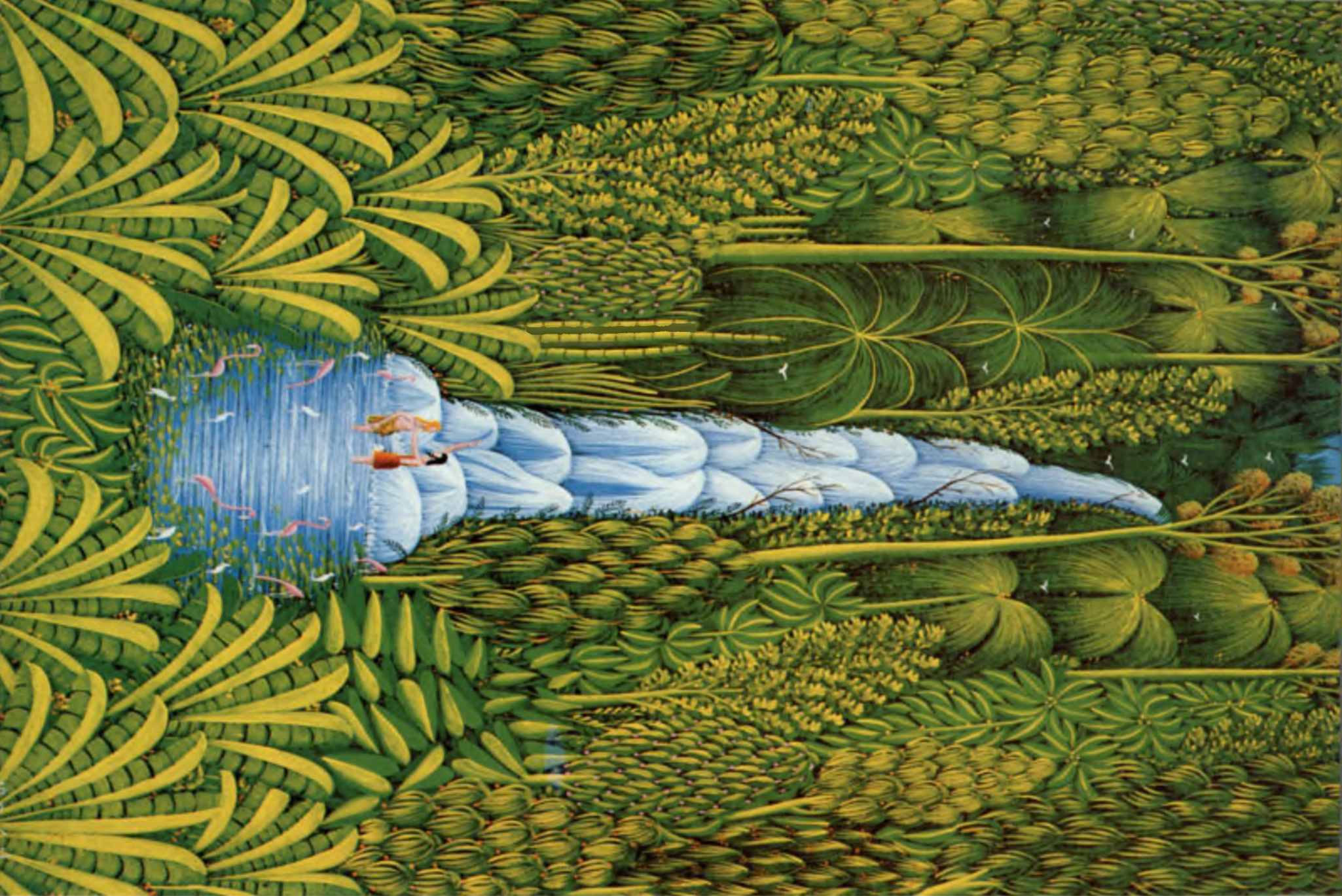
Aprendi que a oração é importante. Eu podia sentir, na verdade, a força das orações que estavam sendo proferidas em meu favor. Hoje, quando oro pedindo ao Senhor que cuide dos meus entes queridos, minhas orações têm um significado especial. Se algo de mau lhes acontecesse, eu gostaria que Deus estivesse com eles, como esteve comigo. Quando o milagre me aconteceu, levou horas para que alguém soubesse e começasse a orar — mas quantas vezes minha família havia se lembrado de mim em suas orações diárias, antes daquele momento?

Aprendi sobre a alegria. O Senhor me disse numa bênção que recebi, que prolongara minha vida e que desejava que eu a transformasse numa existência alegre e feliz. Compreendo agora que é importante para ele que sejamos felizes. Encontro nas escrituras muitas referências à alegria. Agora vejo mais claramente que este é um evangelho de alegria.

Aprendi o valor da saúde. Nosso corpo é uma bênção especial, e a saúde é um bem que deve ser valorizado. Sinto uma necessidade urgente de cuidar da saúde. O Pai Celestial nos deu a vida e tudo o que temos. É nosso dever cuidar daquilo que ele nos deu.

Passei por algo terrível, mas recebi tantas bênçãos, que sei que estou em dívida com o Senhor. Devo-lhe mais do que jamais poderei pagar, mas acho que ele não deseja qualquer retribuição. Ele deseja o meu amor. Quer ver-me feliz, o que acontecerá se eu o amar e servir de todo o coração, compartilhando minha alegria com aqueles que me cercam. □

Lois Owen Tucker pertence à Ala Emerson, Estaca Salt Lake Sugarhouse.



“Batismo nas Águas de Alma”, por Henri-Robert Bresil

Um dos primeiros conversos haitianos, o irmão Bresil também é considerado um de seus melhores artistas, e seus trabalhos já foram exibidos nos Estados Unidos e na Europa. Esta obra, de 60 x 90 cm, atualmente no Museu de História e Arte da Igreja, na Cidade do Lago Salgado, Utah, foi criada em 1988. (Vide “A Expressão de Nossa Fé”, p. 36.)



Os santos do Haiti, nação do Caribe, consideram o evangelho uma tremenda fonte de força e esperança. Ajuda-os a lidar com circunstâncias econômicas e sociais difíceis e une famílias como a de Wilhelmina Price-Oliver e seus filhos, Jean Emmanuel, os gêmeos Daniel e David, e Sandra. (Vide “Santos do Haiti Depositam Sua Esperança no Evangelho”, p. 10.)